



MARIA JOSÉ SETTE RIBAS

MONTEIRO LOBATO

e o ESPIRITISMO

As sessões espíritas
de Monteiro Lobato,
narradas por ele mesmo.

Prefácio de
J. Herculano Pires

LACHÂTRE

MARIA JOSÉ SETTE RIBAS

MONTEIRO LOBATO

e o ESPIRITISMO

As sessões espíritas
de Monteiro Lobato,
narradas por ele mesmo.

Prefácio de
J. Herculano Pires

LACHÂTRE

MONTEIRO LOBATO
E O ESPIRITISMO

Os direitos autorais desta edição foram integralmente doados para a Federação Espírita do Estado de São Paulo.

M A R I A J O S É S E T T E R I B A S

MONTEIRO LOBATO E O ESPIRITISMO

- As sessões espíritas de Monteiro Lobato narradas por ele mesmo -

3ª edição

*Prefácio de
J. Herculano Pires*

publicações



Direitos de publicação cedidos
à EDITORA LACHÂTRE LTDA.
Rua José Emílio, 207, Jardim América
CEP 12902-090 - Bragança Paulista - SP
Tel. (11) 4033-3999 - Fax (11) 4032-3106
Página na internet: <http://www.lachatre.com.br>
Correio eletrônico: lachatre@lachatre.com.br

CAPA

Andrei Polessi sobre foto de Monteiro Lobato

DIGITAÇÃO

Susely S. Luchetti Rodrigues de Jesus

GERENTE DE PRODUÇÃO

Isabel Valle

3ª edição - 3000 exemplares - novembro de 2004

Ano do Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec

Impresso na Gráfica BookRJ.

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, somente será permitida com a autorização por escrito da Editora. (Lei nº 9.610 de 19.02.1998)

Impresso no Brasil

Presita em Brazilo

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.

Sindicato Nacional de Editores de Livros, RJ.

R366m Ribas, Maria José Sette, 1920 -1981

Monteiro Lobato e o espiritismo: as sessões espíritas de Monteiro Lobato narradas por ele mesmo/Maria José Sette Ribas – 3ª ed. - Bragança

Paulista, SP: Lachâtre, 2004.

176p.

Apêndice

ISBN 85-88877-31-7

1. Lobato, Monteiro, 1882-1948 - Religião. 2. Espiritismo. I.

Título.

CDD 133.9 CDU 133.9

À memória de meus queridos pais
ALFREDO DA CUNHA RIBAS
e
FLÓRA SETTE RIBAS,
e também à de minha querida irmã
MARIAH SETTE RIBAS NOBRE,
espírito luminoso e meigo,
com toda a ternura dedico este
trabalho em homenagem a Monteiro
Lobato, nosso grande amigo.

A AUTORA

Quando nasceste, todos sorriam,
só tu choravas,
Vive de tal maneira para,
quando morreres, todos chorem,
só tu sorrias...

RABINDRANATH TAGORE

Sumário

Carta-prefácio de Herculano Pires
Prefácio póstumo a um livro de atas
As sessões espíritas de Monteiro Lobato
Sessão de 21-12-1943 - ao meio dia
Sessão de 27-02-1944
Sessão-de 01-03-1944
Sessão de 19-03-1944
Sessão de 23-03-1944
Sessão de 20-05-1944
Sessão de 26-05-1944
Sessão de 29-05-1944
Sessão de 30-05-1944
Sessão de 31-05-0944
Sessão de 03-06-1944
Sessão de 04-06-1944
Sessão de 05-06-1944
Sessão de 07-06-1944
Sessão de 09-06-1944
Sessão de 12-06-1944
Sessão de 14-06-1944
Sessão de 16-06-1944
Sessão de 21-06-1944
Sessão de 27-06-1944
Sessão de 03-07-1944
Sessão de 06-07-1944
Sessão de 10-07-1944
Sessão de 14-07-1944
Sessão de 16-07-1944
Sessão de 19-07-1944
Sessão de 20-07-1944
Sessão de 24-07-1944
Sessão de 27-07-1944
Sessão de 30-07-1944

Sessão de 03-08-1944
Sessão de 06-08-1944 - de dia
Sessão de 06-08-1944 - à noite
Sessão de 12-08-1944
Sessão de 13-08-1944
Sessão de 20-08-1944
Sessão de 25-08-1944
Sessão de 27-08-1944
Sessão de 03-09-1944
Sessão de 10-09-1944
Sessão de 19-09-1944
Sessão de 24-09-1944
Sessão de 27-09-1944
Sessão de 01-10-1944
Sessão de 24-02-1945
Sessão de 27-02-1945
Sessão de 17-03-1945
Sessão de 23-03-1947
Sessão em 1946 - Buenos Aires
Apêndice - Vidência em sonho

Carta-prefácio

Prezada Senhora D. Maria José Sette Ribas

Quero agradecer-lhe a oportunidade que me deu de ler as atas de sessões espíritas de Monteiro Lobato. Com essas atas, nosso grande amigo contribuiu para a melhor compreensão do problema espírita entre nós. Isso, graças à sua dedicação e ao seu carinho, que permitiu salvar-se o tesouro desse testemunho. O destino de pioneiro, que marcou a vida de Lobato, se confirma nesta obra póstuma: é este o primeiro livro sobre as 'sessões de copinho' que vem a público, e por sinal marcado pela garra lobateana.

Permita-me, antes de dar a opinião que me pede, contar-lhe um curioso episódio mediúnico. Cerca de um mês após a morte de Galeão Coutinho, estava eu em Marília, na casa do saudoso amigo e médium dr. Urbano de Assis Xavier, e realizamos à noite uma sessão íntima. Galeão, que morreu em desastre de avião, quando voltava do Rio, onde fora fazer uma palestra sobre Lobato, manifestou-se de maneira inegável, identificando-se pela expressão fisionômica, pelos gestos, pela voz e sobretudo pelos pormenores da nossa convivência profissional. Ele morreu quando era redator do *Jornal de Notícias*, que eu então secretariava. Pouco antes de encerrar a conversa comigo, sobre a qual publiquei uma crônica no *Diário de S. Paulo*, Galeão me disse: “Olha, olha aí quem vem chegando] O Lobato!” E a seguir me disse que Lobato, sorridente, bem humorado, o saudava pela sua entrada na outra vida e me enviava um abraço.

Contando assim, de maneira sucinta, este episódio que me parece dever interessar-lhe, passemos às atas.

Considero estes registros de sessões de grande importância como confirmação da realidade das comunicações espíritas. Mas o que mais ressalta da sua leitura, como contribuição para o esclarecimento do problema espírita, é a maneira penetrante com que Lobato soube tirar, a cada instante, de pormenores aparentemente insignificantes, ilações conclusivas. Dispondo de recursos mediúnicos precários, de meios deficientíssimos de comunicação, limitando-se a diálogos telegráficos e muitas vezes frustrados, Lobato fez o contrário dos grandes cientistas que se afogaram sob avalanches de provas sem compreendê-las. De uma palavra, de uma expressão, de um dado mínimo ele soube extrair elementos

probatórios da sobrevivência do espírito após a morte corporal e da identidade dos comunicantes.

Esta coleção de atas assemelha-se muito aos relatos de experiências mediúnicas de *sir* Oliver Lodge, em seu livro *Raymond*, que o próprio Lobato traduziu para a nossa língua. Sou tentado a dizer que Lodge preparou Lobato para o bom aproveitamento da mediunidade incipiente de dona Purezinha. E foi pena que a insegurança dela, a sua recusa emocional em receber as comunicações dos filhos Edgard e Guilherme, não permitissem o seu desenvolvimento mediúnico para sessões mais completas. Mas, por outro lado, foi bom que assim acontecesse, pois temos agora um modelo de aproveitamento exaustivo de recursos mínimos para se conseguir resultados máximos. Só Lobato poderia enriquecer a nossa bibliografia com essa contribuição pioneira. A sua argúcia e a sua honestidade, a sua curiosidade e a sua teimosia raramente se encontram numa conjugação tão feliz.

Simplemente impressionante o caso de K, o espírito revoltado que caceteou Lobato em sessões sucessivas, mas acabou vencido e convencido pela paciência e o amor do nosso grande amigo. Nesse episódio, Lobato se revela como grande doutrinador espírita. Na verdade, ele não conhecia bem a doutrina, mas à maneira dos nossos caipiras, que sem nada saberem tudo fazem, conseguiu doutrinara o infeliz Kismet e dar-lhe a deixa da felicidade. Emocionante a amizade que se estabelece entre os dois, uma estranha amizade que transpõe os limites do tempo, ligando através de um copinho o revolucionário da França de Luís XIV ao escritor brasileiro do século XX.

É preciso não se ter a cabeça no lugar para não se sentir a grandeza desse episódio mediúnico, através do qual o guilhotinado K recuperou a dele. E preciso estar-se intoxicado de intelectualismo pedante para se recusar validade a essa maravilhosa experiência de Lobato.

K é uma espécie de fio ligando as contas de um rosário de fatos, ao mesmo tempo emocionantes e pitorescos, que fazem dessas atas modestas, despretensiosas, uma legítima obra lobateana. Nem tia Anastácia, do “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, faltou nessa trama de episódios daqui e do além. Assinale-se ainda a naturalidade das tertúlias mediúnicas, desmentindo mais uma vez os que fazem do espiritismo um submundo de misticismo e mistério. Nesse mesmo sentido vale ressaltar o prefácio póstumo de Lobato, através da mediunidade de Jorge Rizzini, hoje em pleno vigor.

Era o que me cabia assinalar.

Atenciosa e cordialmente,

(a) J. Herculano Pires
São Paulo, 5/11/1971.

Prefácio póstumo a um livro de atas

Espírito: Monteiro Lobato

Médium: Jorge Rizzini

Devo há longos anos uma explicação aos leitores; e como gosto de pagar minhas dívidas, aqui vai ela.

Havíamos combinado, eu e o Rangel, que o primeiro que se fizesse *gás pensante* voltaria a fim de dar ao que ficara ainda condensado na Terra provas da comunicabilidade dos espíritos - tínhamos, para isso, um código secretíssimo!

Quis o Destino fosse eu o primeiro a passar do estado sólido para o gasoso. Preocupado em dar a decisiva prova dos nove ao incrédulo Rangel, *voei* a Pedro Leopoldo - a então cidadezinha morta de Minas Gerais. Andava por lá nessa época um médium que pelas suas qualidades eu pretendia fosse minha máquina de escrever mediúnica. Era ele um veículo ideal. Mas, ao pousar em Pedro Leopoldo, desanimei... Estavam a rodear o Chico Xavier mais de duzentos espíritos, aguardando oportunidade de usar-lhe a mão!

Rondei o ambiente durante vários dias. Pretendiam alguns autores escrever pelo Chico coleções de romances; outros, as Obras completas que não tiveram tempo de redigir na Terra...E, ao lado dos escritores um enxame de poetas... Fiz os cálculos. O homem põe e Deus dispõe. Até chegar minha vez, teria de esperar, pelo menos, uns cinquenta anos! O esqueleto do Rangel, já bastante arqueado, não resistiria tanto tempo - e o código secretíssimo acabou arquivado com o desencarne de meu milenar amigo!

— Por que não transmitiu o código através de outro telégrafo? — perguntará algum leitor parente próximo do Jeca Tatu, arregalando os olhinhos matreiros e céticos.

Eu poderia recomendar ao parente do Jeca os livros basilares de Allan Kardec, onde o assunto está triturado e pronto para ser engolido. Mas como o Mestre francês ainda hoje assusta muito marmanjo, dou a resposta, eu mesmo.

Existem fatores imponderáveis na mediunidade, que na época apenas o Chico Xavier possuía - e meu código não podia sofrer distorções.

Por não haver transmitido ao Rangel o código, teria eu posto na mão dos materialistas a prova dos nove da inexistência dos espíritos?

Muitos sabichões materialistas acreditaram que sim - e riram-se a valer! E a Emília, mais ainda! (A danadinha, que é clarividente, já sabia o que andava a Providência a preparar para esses sabichões... E, de tanto rir, quase lhe caiu o queixinho...)

É verdade; a Providência, generosamente, socorrera-me!.

- ?

E da maneira mais singela. Alguns anos antes de meu *passamento* para o País do Além havia eu intensificado as pesquisas sobre o fenômeno espírita considerado o mais primitivo e banal de quantos existem. Armara em minha casa o alfabeto em forma circular e em seu centro colocara um copo. Purezinha era a médium. E provas e mais provas da imortalidade jorraram daquele pequeno copo! . Ele corria em direção às letras e formava mensagens curiosíssimas — inclusive dos filhos que haviam *passado* antes de mim. E Purezinha em algumas sessões tinha os olhos vedados - e o alfabeto eu o colocara sem sequência, a fim de atrapalhar os espíritos...

- E os sabichões? — perguntará o leitor já acostumado a esses fenômenos.

Os sabichões de nada sabiam das minhas sessões — ou apenas haviam ouvido falar. Não me fora possível dar a prova dos nove ao Rangel, e com isso eles se divertiram (Nota do médium: Anos após psicografar este prefácio, eis que o espírito Salomão Jorge, que na terra fora amigo de Monteiro Lobato [e, posteriormente, amigo meu] transmitiu-me, telepaticamente, a seguinte frase, que atribuí à senha entre Godofredo Rangel e o autor de "Urupês": dizia Lobato: "Muitas vidas vivem em mim." [Nota de Jorge Rizzini]). Mas a Providência, que tudo sabe e tudo prevê, já me havia socorrido sem que eu percebesse - e iria dar-lhes uma lição.

Todas as ocorrências interessantes verificadas nas sessões com o copo eu as registrara no papel - em atas despreziosas para uso próprio, fixando a verdade sem enfeites de espécie alguma. E pedi à Marjori que as datilografasse para o meu arquivo. Passaram-se decênios e essas atas [quem adivinharia?] ganham agora publicidade, dando assim uma resposta minha aos sabichões. A Marjori, menina inteligente e previdente, havia tirado para si cópia das atas e a guardara em um cofre inviolável...

Essas atas são agora publicadas quase trinta anos depois de redigidas! (Creio que este é o primeiro livro de atas colocado à venda ao lado de Cervantes, Shakespeare etc.) Se elas não convencerem os sabichões de que a imortalidade é um fato, resta-me ainda este prefácio póstumo,

infelizmente escrito após o desencarne de Godofredo Rangel. O estilo é como a impressão digital — não existem dois iguais. Se o prefácio também não realizar a cirurgia na inteligência dos sabichões, então farei o que a espertíssima Emília está me sugerindo — darei uma boa gargalhada! E do lado de cá hei de esperá-los a todos - para rirmos um pouco mais...

MONTEIRO LOBATO
São Paulo, outubro de 1971.

As sessões espíritas de Monteiro Lobato

Era uma vez... uma garota diferente das demais. Gostava, imensamente, de sentar-se, muito bem comportadinha, a ouvir a palestra dos adultos, enquanto suas amiguinhas, numa algazarra, lá fora, brincavam de pegador e outros folguedos próprios da idade.

Ela, dissimuladamente, esgueirava-se e se metia num canto, deliciando-se com assuntos que mal podia apreender, mas que considerava magníficos.

Cresceu, sempre curiosa das coisas dos livros de adultos, pois observava como ficavam engolfados em suas leituras, principalmente seu pai, homem inteligente, que era um grande devorador de livros.

Quando bem pequena, de seus quatro ou cinco anos, era tirânica para sua avó, Camila, mãe de seu pai, porque esta era forçada a ler para ela, várias vezes, as histórias do Chiquinho, Jagunço, Gibi, Jujuba, personagens do *O Tico-tico*.

À tarde, quando seu pai chegava, ela, de indicador acompanhando a 'leitura', sob os quadrinhos, ia reproduzindo o que sua pobre avó bavia lido durante o dia para ela. Para mostrar a seu pai que já 'sabia ler'.

Tinha imensa admiração pelo pai e queria mostrar-lhe a sua 'sabedoria'.

Passou-se o tempo e, já sabendo ler de verdade (leu com cinco ou seis anos), 'descobriu' os livros de Monteiro Lobato e era a criatura mais feliz do mundo!

Com oito anos, mais ou menos, no seu entusiasmo e arroubos infantis, escreveu-lhe uma cartinha. Perguntou ao pai como deveria assiná-la. Seu nome, por ser muito comprido, ele aconselhou-a a reduzi-lo, assim: MAR-JO-RI, que são as primeiras sílabas dos seus nome e sobrenome.

Achou boa a ideia e adotou-o na correspondência com Monteiro Lobato.

Desejava tanto conhecer o homem que havia criado Emília! Adorava-o no seu subconsciente, como um Deus.

Tempos depois, numa tarde, já menina, estava na rua Boa Vista, esquina da João Bricola, quando se encontrou, casualmente, com o seu queridíssimo padrinho Júlio César da Silva (fino poeta parnasiano, autor da *A arte de amar*, e irmão da grande Francisca Júlia).

Estava ele em palestra com um homenzinho moreno, tismado, de grossas sobrancelhas, que, ao ouvir do seu padrinho que ela era apaixonada por

literatura e pelo Machado de Assis, disse-lhe que deveria ser encaminhada a um museu, como raridade.

O padrinho, então, apresentou-o a ela: “Eis o pai da célebre Emília, Zezé, que é, ou foi, uma das suas paixões”.

A garota arregalou os olhos e mal pôde conter-se, tão inesperada foi a apresentação!

Naquele momento, Lobato não lhe fez grande impressão, principalmente pela sua irreverência ao dizer que ela deveria ser empalhada e mandada para um museu.

Dias depois, numa tarde chuvosa, voltou a vê-lo, apressadinho (como sempre), na mesma rua Boa Vista.

Contou ao seu padrinho esse encontro e lhe disse que ele não a reconheceria. Disse-lhe que, algum tempo antes, numa quermesse da igreja da Luz, a convite de uma senhora, encarregada de uma barraca, entre mocinhas, todas vestidas de holandesas, um fã deu-lhe um livro, para adultos, de Monteiro Lobato: *Urupês*. Deu-o, com grandes elogios ao autor. Quando viu o nome, teve uma surpresa. Pensara que ele só escrevesse para crianças! Gostou muito do livro, que ainda possui e que já ganhara sem capa.

Depois desse encontro, o padrinho Júlio não durou muito, infelizmente, e, diante dele, morto, em sua salinha, no Belém, eis que ouve um sussurro com o comentário reverente de que estava a chegar Monteiro Lobato!

Voltou-se, sem precipitação, e viu-o de pé à porta, com expressão concentrada e sentida. Aquela solidariedade à sua mágoa agradou-a.

Na sua ternura pelo padrinho achava que todo mundo deveria amá-lo.

Lobato não se demorou muito junto ao corpo, mas a boa impressão ficou-lhe.

O enterro do padrinho foi concorridíssimo. Viam-se presentes todas as camadas sociais. Voltaram à noitinha do cemitério da 4ª Parada, onde ele repousa (depois de vários discursos de despedida, de grandes oradores).

Dias após, um telefonema de d. Emília, senhora do dr. Vicente Maurano, (amigo do padrinho e seu médico), avisa-a que Monteiro Lobato teria uma mensagem do padrinho para ela, *post-mortem*.

Ficou curiosíssima e bateu-lhe um telefonema. Queria ouvir coisas sobre o padrinho Júlio. Isso seria um meio de tê-lo ainda consigo.

Marcou-lhe um encontro numa confeitaria, na rua Barão de Itapetininga, a “Seleta”, e, à tarde, à hora aprazada, lá estava ela.

Lobato, numa mesa, conversava com o dono da Confeitaria, Aristeu Seixas, também poeta, creio. Ao vê-la apontar à porta, disse ao amigo alguma coisa — provavelmente, que iria ter uma conversa, reservada, com a menina.

Sempre foi desembaraçada, desde criança, mas em presença de uma tão importante personagem ficou meio inibida.

Sentou-se e iniciaram uma palestra retrospectiva sobre a vida do padrinho Júlio. Rememorou ele vários fatos da sua turbulenta mocidade e isso encantou-a.

Lobato era o tipo de criatura que punha logo todo mundo à vontade. Disse-lhe que a conhecia sob vários aspectos, pois o padrinho Júlio era um dos seus maiores fãs, que ela era apaixonada por literatura clássica etc. Que desejara para ela o futuro mais brilhante possível e pretendia ajudá-la, mas que, falecendo, esse seu anseio não se pôde realizar, e lamentava.

Que ele, como grande amigo do Júlio, desejaria fazer por ela o que lhe fosse possível, pois, em todas as palestras entre ambos, seu nome sempre surgia e o padrinho receava (com sua saúde precária) que não pudesse ajudá-la a realizar-se.

Em vista desse desejo, sempre constante, do padrinho, ele ‘queria ver’ se o substituiria.

A garota ficou lisonjeada com o oferecimento, — quem não ficaria? - vendo naquela lealdade ao amigo morto um belo traço de seu caráter.

De fato, com a morte do padrinho ela se sentia ‘no ar’. Seu pai estava em dificuldades financeiras, fruto da maldade dos homens. Um amigo do padrinho Júlio já a colocara, a seu pedido, numa repartição pública. (E ela tinha, apenas, treze anos, mas era alta e esguia, aparentando mais idade. Estava sob contrato.) Ganhava pouco, a vida era difícil.

Lobato, desde logo, para ajudar, começou por entregar-lhe para revisão todos os seus livros, infantis e para adultos.

Dizia-lhe, depois, que ela revia como quem “passa pente fino, não escapava nem lêmdea”. E era exato. Fazia até apostas como não encontrava vinte erros em uma obra que lhe dava para rever e ela encontrava trezentos! Às vezes, na mesma palavra que o revisor havia encontrado *um* erro, ela encontrava *outro*.

E assim, ganhou sua confiança, e o cetro de “rainha da revisão”.

Nunca mais mandou um livro para impressão sem que passasse por suas mãos.

Com o tempo, e maior convívio, queixava-se da perseguição que a vida lhe movia. Ele, que sempre desejava o máximo para o Brasil, estava sendo vítima de tremenda perseguição por parte de Getúlio Vargas. Tendo ido até parar na cadeia, condenado a seis meses de detenção, por querer dar *petróleo, ferro e estradas* para o Brasil, elementos que haviam enriquecido os EE.UU. e lhe dado a projeção mundial.

Dizia-lhe que era o sujeito mais azarento que o céu do Brasil ainda vira. Tivera uma editora e a perdera e agora via-a próspera a crescer cada vez mais. Vendera-a, de olhos fechados, quando estivera nos EE.UU., atendendo a maus conselhos (de amigos ursos, mal intencionados), mas não lhes guardava nenhum rancor.

Lobato era uma criatura de escol.

Comprara, também (de olhos fechados), a U.J.B., e, a seguir, descobrira que fora logrado. As dívidas da firma, que surgiam, eram incessantes e ele, não podendo aguentá-las, deu essa firma ‘de presente’ para o seu gerente, se pudesse salvá-la.

Contava-lhe essas coisas, em tom amargo, meio desapontado com os homens.

Ela, sua grande amiga, encorajando-o, disse-lhe que ele era a criatura mais feliz do mundo, mesmo até na escolha do título de seus livros.

Que contava com inúmeros amigos e amigas, sinceros e leais, coisa que ela duvidava que os seus desafetos pudessem dispor de tantos.

Depois, de ter *recusado* a ser ministro de propaganda de Getúlio, no estrangeiro, ‘ficou na berlinda’ e sofreu a sua perseguição constante.

Getúlio era uma espécie de ditador implacável. Lobato se recusara a aceitar tal cargo, porque, “é claro!”, não iria mentir lá fora, atribuindo-nos coisas que não possuíamos, naquela época, — só aceitaria o cargo depois que tivéssemos petróleo, ferro, estradas etc., tudo que já previa em sua mente. Mentir, nunca! Isso era contra os seus princípios de honradez.

Nessas queixas e desabafos, ela lhe dizia que ele não estava só. Que Cristo, que foi grande, o imenso pensador idealista, sofrera, também, tanto com os homens, só por querer-lhes fazer o bem!

E Lobato, então, comentava sobre Cristo, por quem tinha uma grande ternura, apesar de materialista ferrenho.

Afirmava-lhe ela que suas provações eram processo de evolução. Contava-lhe fatos sucedidos em sua família e nas famílias amigas, pessoas da mais alta honestidade.

Recusava-se a crer, perguntando se ela também vira. Respondia-lhe que nem tudo que lhe contavam era acreditado por ela. Que só acreditava nas pessoas dignas de fé, mas, infelizmente, ela nada vira, mas não duvidava.

Esse assunto era perigoso, porque Lobato vinha com citações dos maiores filósofos materialistas e a sua cultura esmagava-a, mas não esmorecia. Continuava a citar-lhe fatos, os inúmeros fatos de seu conhecimento, mesmo antes de ter nascido, passados em sua família.

Os inúmeros golpes que a vida lhe desfechara com a perda de seus filhos homens abalaram-no e ela o sentia, às vezes, desarvorado, desolado!

Nessas ocasiões, continuava a insistir para que acreditasse na imortalidade, frisando que os seus sofrimentos faziam parte e eram necessários para a sua evolução.

Tinham brigas tremendas nesse terreno. Ela querendo esclarecê-lo e ele recusando-se, peremptoriamente, a aceitar as suas ideias. Chamava-a supersticiosa, e outras coisas mais, deprimentes. Que só criaturas analfabetas poderiam acreditar nessas fábulas. Que a inteligência da garota deveria impedi-la de crer em tanta baboseira.

Faltando-lhe mais argumentos, perdia a paciência e entrava no terreno dos insultos e chamava-o: “burro”, “vaidoso”, “cego”, “idiota”, a pavonear-se de sábio...

Indagava-lhe ele: - Por que você quer que eu acredite na imortalidade? Que ganha você com isso?

- Nada! O que não quero é que você seja cego, sofrendo estupidamente! — retrucava ela. — Está tudo aí na sua frente e você, como uma toupeira, debaixo da terra, recusa-se a ver.

Tiveram, numa tarde, um desses arranca-rabos lá na praça das Bandeiras, e ele saiu furioso, para tomar o ônibus para sua casa, sem ao menos dizer-lhe: “até amanhã”.

Por sua vez, tomou ela sua condução do Jardim América e lá se foi, furiosa da vida, com aquele cabeça-dura, irreduzível admirador de Schopenhauer.

Pensou que tivessem rompido de vez aquela amizade tão turbulenta. Eram ambos de áries, e esse signo, dizem, é muito violento e os arianos são difíceis de se submeter uns aos outros. Se é superstição ou não, que respondam os astrólogos.

Qual não foi sua surpresa, na tarde seguinte, quando o telefone tilinta e era Monteiro Lobato, numa tremenda euforia, querendo falar-lhe com

urgência. Tinha um assunto da maior importância para comunicar-lhe.

Pensou em tudo: petróleo, negócios editoriais [os livros dele estavam para ser vendidos pelo Stefan Zweig para o alemão), enfim, pensou mil coisas materiais, mas as de magna importância deveriam ter-se realizado, ou na iminência de se realizar, diante daquele seu entusiasmo telefônico.

Marcaram o encontro na Brasiliense, à tarde, e lá foi ela “saber as novidades alvissareiras”.

Ao telefone, ele lhe disse apenas: — Você vai cair de costas, quando souber.

Sua curiosidade não tinha tamanho. Entrou esbaforida pela livraria Brasiliense e lá estava ele risonho e feliz.

- Você tinha razão, minha filha; todos os argumentos que você não pôde contrapor aos meus, eu os recebi, pessoalmente, em mensagens de seis amigos meus, falecidos há anos, num sistema *sui-generis*. Através de comunicações numa roda em que o alfabeto está disposto e, no centro, um copo emborcado.

“As pessoas em volta colocam os dedos (dois, apenas) sobre o copo e este se move, e, sob uma força desconhecida, marca as letras formando palavras e dá mensagens.

“Entrando, ontem, em minha casa, depois da briga com você, encontrei minha família reunida, em volta da mesa, ‘fazendo uma sessão de telepatia’, diziam eles, como divertimento. Minha mulher, Purezinha, Marta, minha filha, e seu marido, J. U. Campos.

“Este formulava as perguntas e o copo dava as respostas correspondentes.

“Sempre vira eu aquela atividade do grupo, que se divertia com as mensagens recebidas, mas nunca tomei parte.

“Naquela noite, porém, tive desejo de dirigir as perguntas. Tomei o bloco e o lápis e iniciei-as.

“Minha surpresa foi imensa, pois quem se apresentou, dirigindo-se a mim, foi um grande amigo meu, morto há anos.

“Fiz-lhe inúmeras perguntas e ele as respondeu com toda a naturalidade e exatas.

“Fiquei estarecido. Era o Adalgiso Pereira, grande e culto gramático, que revira, outrora, vários trabalhos meus, na rua Formosa, onde éramos vizinhos.

“A seguir, vieram outros amigos, dando-me, alegremente, suas

mensagens e provando-me, de maneira insofismável, que você, minha filha, estava com a razão, quando me afirmava a imortalidade da alma. Os argumentos de que você não dispunha, para desarmar-me, diante da minha irredutibilidade, eles, com aquela *prova*, indiscutível, de sua presença, convenceram-me, sem sombra de dúvida.

“Estou abismado! Vejo o mundo, agora, sob um prisma muito diferente. Como é que tinha tanta certeza, quando me fazia aquelas afirmações? Você nunca viu nada e estava tão certa!”

A mocinha ficou felicíssima. Era um alívio que sempre desejava para ele, com a ‘descoberta’ da imortalidade da alma, e agora seu desejo se cumprira. Mas... custou!

Valeu-lhes brigas homéricas, tremendos conflitos de concepções. Eram ambos opiniáticos, difíceis de se submeter um ao outro. Cada um com a ‘sua verdade’. Já dizia Allan Kardec: “As opiniões são como os pregos, quanto mais se batem mais enterram”.

Graças a Deus, o seu grande amigo estava feliz e aliviado, compreendendo várias coisas, que antes não compreendera. As provações, por exemplo, que ninguém entende quando é atingido por elas.

Conformou-se Lobato, daí em diante, com os golpes que recebia e os aceitava de boa sombra.

Certa vez, em Buenos Aires, escreveu à sua amiguinha uma carta, muito amarga, queixando-se. Lá estava sem a língua, sem os amigos, sem a pátria. Ela lhe respondeu isto:

— Deves ver-te como de fato és: um espírito em roupagem terrena. A verdadeira pessoa, o ‘eu’ que és, não é esse teu corpo, como eu não sou este meu corpo — coisas frágeis e sofredoras. *Somos espíritos imortais e divinos*. Fortes e inalteráveis. Sempre tendentes a melhorar, a aperfeiçoar, a apurar as nossas qualidades. Estamos neste momento em missão aqui na terra, que não sabemos qual seja, mas que fatalmente será para o nosso bem.

Ao receber essa carta, respondeu-lhe, em seguida, que ‘sarou’, pois foi-lhe uma verdadeira aspirina para a alma. Já fizera as várias experiências descritas no presente livro, mas era humano e fraquejava.

Copiou ele esse trecho, num caderninho e guardou-o no bolso, para as horas de desânimo. Deu-o a amigos para que o copiassem, para o mesmo fim.

Quando, ao voltar ao Brasil, Pedro Granja pediu-lhe um prefácio para o seu livro: *Afinal, quem somos?* fez o prefácio, magnífico e tratou de

encaixar esse trecho, em forma dum diálogo de um guru (um iniciado), com uma bailarina de Siwa, Sundartará, indiana, reencarnada (e aqui segue este trecho do prefácio]:

Sundartará, a Ignorante, disse um dia a um 'guru' seu amigo, que andava cheio de pensamentos de morte material:

— Deves ver-te como de fato és: um espírito em roupagem terrena. A verdadeira pessoa, o 'eu' que és, não é esse teu corpo, como eu não sou este meu corpo - coisas frágeis e sofredoras. Somos espíritos imortais e divinos. Fortes e inalteráveis. Sempre tendentes a melhorar, a aperfeiçoar, a apurar as nossas qualidades. Estamos neste momento em missão aqui na terra, que não sabemos qual seja, mas que fatalmente será para o nosso bem.

Sundartará era uma bailarina indiana reencarnada, toda instintos e intuições, e o 'guru' um sábio que ainda não alcançara o doce nirvana do perfeito cepticismo, pois ainda afirmava e negava. Julgava-se dominador de todas as ciências e artes - mas foi aprender a coisa suprema com a bailarina que nada sabia: "*Somos imortais e divinos*".

— E a missão?

— Uma só: evoluir.

E, pois, a intuição de Sundartará ensinou ao 'guru', a um tempo, três coisas supremas — a Sobrevivência, a Divindade e o Fim.

- A Sobrevivência eu compreendo o que é, mas a Divindade?

— O *status* de Deus.

— E que é Deus?

— Uma emanção de nós mesmos em nossa totalidade espiritual. O Deus comum, antropomórfico, feito à imagem e semelhança do homem, é uma criação tão pobre que faz sorrir. Não há qualidade ou defeito humano que esse Deus não tenha. Vemo-lo odioso como um racista, no feroz Jeová bíblico. Aparece sadista como um inquisidor dominicano, no Deus de Felipe II. E no Moloch dos cartagineses temo-lo como precursor dos "maestros de tortura" de Buchenwald.

Lobato, reproduzindo no prefácio para Pedro Granja o trecho da carta de Marjori, desejava que, correndo mundo, aquelas palavras pudessem beneficiar os possíveis leitores, como tanto beneficiaram a ele.

Monteiro Lobato era um bom. Nunca o vimos numa manifestação de egoísmo. Sempre com o desejo de ajudar aos outros.

Deste a primeira sessão — o registro das revelações do copo -, tornou-se o seu maior *hobby*. Queria realizá-las todos os dias (ou todas as noites, mais propriamente)].

Avolumou-se um grosso caderno. E, pouco antes de sua morte, adivinhando que esse seria o melhor presente, deixou-o em mãos daquela menina, de outrora, que fora a sua iniciadora nas incursões dos mistérios do

Além (Infelizmente, o registro da primeira sessão realizada no dia da *revelação da imortalidade* ao Lobato - com seis amigos, mortos, dando-lhe extraordinárias mensagens, através do copo, na roda do alfabeto, que o convenceram de forma absoluta, perdeu-se. Sua família deve ter um exemplar [uma cópia]. Mas a possuidora deste caderno de *atas* acredita tê-la extraviado, em suas andanças).

MARIA JOSÉ SETTE RIBAS (Mar-jo-ri)
29/10/1971

Sessão de 21 de dezembro de 1943, ao meio-dia

Comunicação feita na prancheta, tomada por Guinara de Morais e Purezinha. Guinara, minha sobrinha e nora, (viúva de Edgard, meu filho mais velho) na época dessa comunicação já se havia casado novamente. Sendo médium, recebia comunicação na prancheta.

Depois de alguma concentração o ponteiro moveu-se e marcou a seguinte mensagem, após indicar que havia uma entidade presente:

— Quem quer falar?

— Guilherme... (meu filho mais novo.)

Ruth, sua irmã, na outra sala começou a tocar piano.

— Eu não gosto de música.

Pedimos a Ruth que parasse de tocar.

— Que tem a dizer?

— Beijos à mamãe.

— Diga alguma coisa que o identifique.

— A emoção que sentirem será a melhor prova da minha presença.

— Tem estado com o Edgard?

— Sim.

— Como vai ele?

— Está felicíssimo com o casamento de Guinara.

— É *você*, que acha desse casamento?

— Ótimo.

— Quer falar ou ser perguntado?

— Quero falar sem ser interrompido. Vocês precisam ter mais fé para serem mais felizes. Só na crença em Deus reside a felicidade.

Alguém disse qualquer coisa.

— Por que me interrompem? É necessário que modifiquem a maneira

de encarar a vida. Mirem-se no exemplo de Guinara. Enquanto ela não desprezou o flagelo do materialismo não conseguia a felicidade e a paz de espírito. Também ela ignorava o verdadeiro sentido da vida. Hoje compreende-o e procura ensinar aos seus amigos. O que eu disse é suficiente, caso queiram compreender-me. Lembrem-se que o pior cego é o que não quer ver, e o pior surdo o que não quer ouvir.

— César Varela (cunhado de Purezinha) era crente?

— Mais do que Ruth. Ruth jamais será completamente feliz enquanto não se compenetrar de que há um Deus onipotente zelando pelos destinos humanos.

“Hoje eu acredito na felicidade como uma síntese de Deus e da Sua bondade.

“Para todos Ele reserva um quinhão de sublime ventura, até mesmo para os desgraçados que d’Ele se afastam. Em plena consciência e puro respeito, seja mais humilde, Ruth, e será mais feliz. Lembre-se de que Pasteur, o sábio, encarava os mistérios da fé com a humildade de um carvoeiro - ele, para quem a ciência já não tinha mistérios. Mamãe, adeus. Guinara, adeus e continue sempre no caminho em que está.”

Sessão de 27 de fevereiro de 1944

(Muitas sessões neste período foram extraviadas.) Em casa do Jurandir Campos (genro de Lobato), com o copo. São Paulo. Mãos: Purezinha, Marta (filha) e Jurandir (genro). No lápis, Lobato.

Lobato pede em voz alta que se manifeste algum espírito e diga qualquer coisa que o identifique. O copo move-se, marca letras, que não formam palavras, e finalmente escreve:

— César Varela. (Cunhado de Purezinha.)

Pedimos a César que diga alguma coisa endereçada a Noêmia (irmã de Purezinha), algum conselho; e o copo escreve:

— Tome juízo. Dinheiro acaba. Gastou muito neste período. Temo tento maus conselhos. Habite perto de parentes por causa de doenças. *So long.* (Adeus.)

Depois de muitos comentários a respeito desses conselhos de César à Noêmia, Purezinha observa que nunca aparece mulher. Voltam a pôr as mãos sobre o copo e o copo escreve:

— Bráulia Diego.

Pedimos que diga alguma coisa e o copo escreve:

— Já fui, hoje não sou.

Pedimos que apareça outra mulher e o copo escreve:

— Michaela. Outra nas mesmas condições.

Pedimos que apareça outra e o copo escreve:

— Michaela, vulgo Tonha Madrid. *Soy muy catita. Buenas noches.*

Pedimos que apareça outra e o copo escreve “Rita” e pára. Jurandir diz em tom de gracejo: — Vamos lá, dona Rita. Fale. — E o copo escreve: - Malcriado e estúpido.

Comentamos e insistimos, e o copo escreve de novo: — Rita Reale. Não aprecio o enfatuado rapazelho.

Lobato pede que apareça algum amigo inglês, Raymond, por exemplo, e Purezinha torce o nariz, como quem preferiria outra coisa. O copo escreve:

— *She does not like me.* (Ela não gosta de mim.)

Todos acharam muito interessante e admiraram-se, e Lobato perguntou quem falava. A resposta do copo foi:

— Raymond. v

Todos riem-se e caçoam com Purezinha, e um diz que ela não gosta dele. E o copo escreve:

— *Why* (Por quê?)

Lobato declara que foi o tradutor do livro de *sir* Oliver Lodge sobre Raymond e pergunta se ele sabe disso. O copo escreve:

— *Thank you. I know all about it. Good evening, mrs. Lobato.* (Obrigado. Sei tudo a esse respeito. - Boa noite, sra. Lobato!) - Visivelmente mexendo com Purezinha.

Lobato ainda pergunta se, quando estava traduzindo o livro de Lodge, ele, Raymond, estivera a seu lado, e o copo responde:

-*Yes.* (Sim.)

Depois pedimos que aparecesse algum espírito alemão, e o copo escreveu:

— *Mein Kemphis*, ou coisa assim, que se atrapalhou na anotação das letras.

Sessão de 1º de março de 1944

Noêmia soube da fala de seu falecido César e apareceu hoje, querendo "ver se o copo realmente escreve", porque ela é das que não acreditam.

Ali pelas oito horas fomos para a mesa. Purezinha, Marta e Jurandir puseram os dedos sobre o copo, dentro do círculo de letras do alfabeto. Pedimos que se manifestasse qualquer espírito, de preferência César Varela, pois sua viúva Noêmia estava presente. Demorou para o copo começar a mover-se. Pedimos, novamente, que aparecesse César e dissesse alguma coisa. O copo entrou a mover-se com certa violência e escreveu com a maior rapidez:

— O irmão César já falou - e o copo continuou a rodar, com tanta violência que quase caiu da mesa. Tiveram de parar. Momentos depois recomeçaram e o copo se moveu com mais calma, escrevendo isto: César Varela.

— Siga o meu aviso.

Referia-se, evidentemente, aos conselhos dados na sessão do dia 27. Pedimos que falasse mais, que dissesse, por exemplo, se era feliz no espaço. E o copo escreveu:

— *Happy*. (Feliz.)

César fora educado em Londres, de modo que sempre falou uma língua muito misturada de inglês. E era 'telegráfico', amigo de frases curtas, às vezes resumida em uma só palavra.

Pedimos em seguida que dissesse qualquer coisa amável para Noêmia, e o copo escreve:

— Para Noêmia, um beijo do além e um piparote em Gipsy. *And now, áeargang, good night*. (E agora, caro grupo, boa noite.)

Noêmia impressionou-se e lá se foi seriamente abalada, porque a referência a Gipsy, o cachorrinho de César, pareceu-lhe muito identificatória. Nenhum dos presentes sabia da existência desse cachorrinho. E Noêmia lá se foi para Santo Amaro, muito escabriada.

Continuaram a sessão. Eu pedi que aparecesse algum amigo inglês, mas Purezinha objetou: — Por que estrangeiro? Eu prefiro gente nossa etc.

Findo o debate com um “apareça quem quiser”, o copo escreveu:

— Não seja tão exigente.

Caçamos de Purezinha. “Outra pelotada que você toma do Além por causa das implicâncias com ‘estrangeiros’. A primeira foi a de Raymond, no dia 27.” E perguntamos quem era que falava. O copo escreveu:

— Edelvira Ruiz.

Insistimos, perguntamos quem era Edelvira Ruiz, há quanto tempo havia ‘passado’ e o copo respondeu:

— Que importa?

Perguntamos quem fora Edelvira na Terra, e o copo respondeu:

— Chaperonne de Ninhas. (Ela escreveu *ninas* - era espanhola.)

Depois o copo imobilizou-se. Não conseguimos que escrevesse mais nada.

Quinze minutos após fizemos nova tentativa e o copo escreveu:

— Rocha. Tenham dó de Lice.

O Orlando Rocha, falecido no ano passado, deixou muito desamparada a viúva - Alice, ou Lice, como dizia ele na intimidade.

Sessão de 19 de março de 1944

Marta, Purezinha e a Marta Cajado, e como esta tivesse muita força, passou-se do copo a uma xícara de chá. No lápis: Lobato.

Depois de aparecer o Amadeu Amaral, que nada disse de interessante, a não ser o nome do seu primeiro livro de versos, *Espumas*, manifesta-se Adalgiso Pereira. Fomos grandes amigos e vizinhos de casa na rua Formosa. Minha Sogra, d. Brasília, morava no número 53 e a família Guimarães no nº 51, no nº 49 morava a família Godoy. Adalgiso era pensionista da família Guimarães e, todas as tardes, depois do jantar, saía comigo. Trabalhava nesse tempo na redação do *O Estado de S. Paulo*. Era muito culto e finamente inteligente. Naquela época eu o considerava o mais inteligente de todos os meus amigos e conhecidos.

Em dado momento, a xícara escreveu: Adalgiso Pereira. Eu, Lobato, mostrei-me alegre e perguntei se lembrava do nosso tempo de vizinhança na rua Formosa.

Resposta: - Fui feliz ali.

Lobato: — Sim, você morava com a gente da Addinha, lembra-se?

A: - Boa gente.

L: - Pode dizer-me quem morava nas casas vizinhas?

A: - Godói e sua sogra.

L: - Exatamente, dum lado, a família Godoy e, do outro lado, a família de minha sogra, d. Brasília Natividade. E quem morava, mais ou menos, defronte de nossas casas, na rua Formosa, daquele tempo?

A: - Umas mundanas.

L: - Certo, certo! Ficava lá um cabaré elegante e muito na moda, de nome Maxim's. Exatinho.

Nesse momento pensei em perguntar se lembrava dum pintor de tabuletas que tinha oficina pegada ao Maxim's, mas, como todos na mesa estivessem tagarelando naquele momento, não formulei, em voz alta, a pergunta — e logo me ocorreu outra, que, essa sim, formulei em voz alta, por me parecer mais interessante. Mas para os espíritos deve ser indiferente que uma pergunta seja pensada ou falada, porque Adalgiso respondeu

primeiramente à pergunta pensada, e depois à falada. A pergunta falada foi: “Sabe onde está trabalhando seu filho? Se não sabe, quer que eu diga?” (O filho de Adalgiso trabalha no Laboratório Fontoura.)

A: - Medina e Pettri. Diga-me.

L: - Exatamente. A oficina de pinturas de tabuletas que ficava defronte da nossa casa, na rua Formosa, era da firma MEDINA & PETTRI. A resposta veio certíssima, e o “Diga-me” é, também, resposta à segunda parte da pergunta que formulei em voz alta sobre se ele queria que lhe contasse onde estava trabalhando o filho.

Sessão de 23 de março de 1944

No copo: Marta e Purezinha, e às vezes Jurandir. No lápis: Lobato.

Primeira manifestação:

— Releve a volta ao passado.

Compreendi ou pressenti que era o Adalgiso Pereira, e insisti para que dissesse o nome, e o copo afinal escreveu:

— -Adalgiso.

— Muito bem, Adalgiso. Muito prazer nos dá que tenha aparecido de novo. Agora queria saber se você se lembra d'uma série de artigos que andou escrevendo no *O Estado*, por sugestão do Fontoura...

— Farmacopeia.

— Isso mesmo. E não se lembra dos autores daqueles livros sobre o saneamento dos sertões que você me deu em casa dos Guimarães? Eram dois os autores...

— Belisário Penna, e o outro o Arthur Neiva.

Segunda manifestação:

Depois de algumas falhas o copo escreveu:

— Cosme Lamego.

Ninguém na roda o conhecia. Perguntei de onde era.

— Quinta dos Olivais.

— Muito bem. Em Portugal, evidentemente. E onde morreu ou passou?

— No xadrez de minha terra.

— Preso?... Por quê? Que é que o levou à cadeia?

— Esfolei um gajo que seduzira minha esposa.

— E não é muito infeliz aí?

— Sou felicíssimo agora.

— Quer alguma coisa de nós, cá deste lado?

— Não. Nada vocês poderão me oferecer aí na Terra.

Terceira manifestação:

Havia pouca força. O copo movia-se sem dar coisas com sentido. Súbito, escreveu:

— Guilherme.

— Que Guilherme? Há muitos.

— Lobato.

— Ótimo que aparecesse, Guilherme. Quero perguntar umas coisas de interesse aqui para nós. Quando você passou, quem o recebeu aí ou qual foi o primeiro espírito com quem se encontrou?

— Batista de Andrade.

Admiramo-nos muito. O velho químico era muito amigo meu, mas não conhecera o Guilherme. Perguntei quem mais o recebera lá, com quem já se havia encontrado.

— Todos que passaram antes de mim.

— Cite o nome de alguns.

— Nomes não têm importância aqui.

— Encontrou Nicácia?

— Não.

— E Carmita?

— Não.

— E Edgard, os seus velhos amigos já passados?

— Todos aqui comigo no espaço.

Quarta manifestação:

O copo escreveu:

— Ubaldo Nuto.

Ninguém sabia quem fosse. Perguntei de onde era.

— Palmeirim, no Ceará.

— Que profissão era a sua na terra?

— Balseiro.

— Em que rio?

— Itapemirim.

Não conseguimos mais nada.

Quinta manifestação:

Eu lembrei que se aparecesse um estrangeiro seria interessante. Um inglês, por exemplo. E o copo escreveu:

— Dunlop.

— Ótimo, Dunlop! Disse eu em inglês. Diga-nos de onde é.

— *No. I can not spea...* (Queria dizer *I can not speak* - Não posso falar.)

O copo parou, e só então Jurandir notou que no alfabeto não havia as letras K e W, indispensáveis na escrita inglesa. Fizemos depressa dois quadradinhos com essas letras, e então o copo escreveu:

— *At last. Thank you!* (Por fim, obrigado!)

Perguntei se ele era o Dunlop que inventara e tivera fábrica dos famosos pneumáticos Dunlop, e o copo escreveu:

— *Do not knew him. (Não o conheci.)*

Eu estava com o lápis e tomando as letras mal, ou, pelo menos, sem desembaraço, e o copo escreveu:

— *You are very slow for a writer. Good evening.* (Você é muito lento para um escritor. Boa noite.)

Sexta manifestação:

Logo depois o copo escreveu:

— Tipping, another english man. (*Tipping, outro inglês.*)

— Diga o seu nome inteiro, pedi.

— *Names mean nothing. Dont you understood that my name is Tipping?* (Nomes nada significam. Você não entendeu que meu nome é Tipping?)

— E de onde era, onde nasceu aqui neste mundo?

— *Home Town, Lancaster, in England.* (Home Town - Lancaster, na Inghilterra.)

Sessão de 20 DE MAIO DE 1944

Purezinha e Marta no copo. Lobato no lápis

- Phidias Antiochio...
 - Onde morava?
 - Nigéria.
 - Que fazia lá?
 - *Tusk Holder*. (Caçador de presas.)
 - Que nacionalidade?
 - *Englishman*. (Inglês.)
 - Há quanto tempo morreu?
 - *I lost the passing of time*. (Perdi a noção do tempo.)
 - Não tem saudades da vida na terra?
 - *I long for my Tusks*. (Tenho saudades das minhas presas.)
 - Que espécie de presas? De elefantes ou de que animal? — *All I could catch*. (Tudo o que eu podia apanhar.)
 - Em que cidade morava?
 - *In the dense jungle*. (Na densa selva.)
 - Que animais caçava pelas presas?
 - *As I said*. (Como eu disse.)
- Depois manifestou-se um parente nosso, tio de Purezinha:
- Bento Enéas de Souza e Castro.
 - Bentinho! Que prazer em tê-lo aqui! Como se sente aí no espaço?
 - Estou satisfeitíssimo de estar em contato com vocês.
 - Lembra-se do nome de sua mulher?

— Você sempre curioso...

— Encontrou-se com ela aí no espaço?

— Jamais encontrei a minha pobre Mercedes. Estou deveras emocionado de encontrar meus caros, queridíssimos parentes...

— Tem estado aí com seu pai, com a Tivica, e outros parentes?

— Só alguns. Sinto-me encantado com vocês. Sinto-me surpreendido de achar-me aqui. Foi uma grande felicidade a de ver a facilidade em aparecer... Não me canso de vê-los.

— Esta moça que está aqui é filha ali de Purezinha.

— Supus isso.

— E eu? Quem sou eu?

— O mesmo Zé Bento de antanho. Sinto que vou perdendo o contato...

Depois de Bentinho apareceu um espírito que não se nomeou e começou com esta pergunta:

— Onde está a Ruth?

— Quem é que está falando? Diga quem é.

— Um seu antigo admirador. Quero vê-la presente.

— Mas quem é? Por favor, diga...

— Só ela me conhece.

— Mas diga o nome.

— Armando. Vão chamá-la, rápido.

Jurandir vai ao telefone e chama a Ruth, enquanto eu dizia ao espírito:

— Ela foi chamada e já vem.

— Sim, vem, já sei. (Ruth entrava) - Estou vendo-a, e sinto que logo estará comigo. Cuidem dela. Como emagreceu a minha namoradina de Campos...

— Depois de várias tentativas falhas, o copo escreveu:

— Morri em Brazzaville (capital do Congo)

— E como se chamava?

— Victor Courteaux.

— Que era lá? Soldado? Comerciante? Funcionário?

— *Civillian*.

Nesse momento Purezinha disse que não valia a pena lidar com espíritos desconhecidos, sem importância etc. E o copo escreveu:

— *Madame dit que je suis une personne sans importance, mais je fut grand seigneur.* (A senhora diz que sou uma pessoa sem importância, mas eu fui grande senhor.)

Caçoamos com Purezinha por causa daquela ‘chamada’ do Além e ela procurou escusar-se.

O copo escreveu ainda:

— *Je suis très indigné avec madame.* (Estou indignado com a senhora.)

Dias antes tivemos duas rápidas manifestações. A primeira de Arthur Neiva, ao qual perguntei como era a vida lá. Resposta:

— Incomparável.

— Conte alguma coisa daí.

— Quero deixá-lo curioso.

— Irei gostar daí?

— Que felicidade sentirás quando passares!

— E vou logo?

— Ainda viverás muito tempo acorrentado.

A segunda foi de Augusto Toledo, ao qual pedi que dissesse alguma coisa.

E ele:

— Fomos bons colegas, apesar de algumas discussões.

— E não guardou ressentimentos de mim?

— Tudo ficou com vocês.

— E é feliz aí?

— Tremendamente.

Sessão de 26 de maio de 1944

Purezinha e Marta no copo, o qual depois de alguma espera começou a escrever e escreveu:

— William Shuttel.

Lembrei-me d'um antigo professor de inglês do meu tempo de colégio - bá quarenta e tantos anos. Era pequeninote e muito corado — e pau-d' água ("pau-d'agua" é alcoólatra).

Perguntei se era o mesmo. Resposta:

— *Why not? Yes.* (Por que não? Sim!]

Fiz barulho, brinquei com ele, mas em inglês, e o copo escreveu:

— *Did you learn english at all* (Até que enfim você aprendeu inglês!)

Continuei a brincar com ele em meu mau inglês, recordando os chopos do passado.

— *My english is louzy, Shuttel?* (Meu inglês é piolhento, Shuttel?)

E ele:

— *All my pupils learnt my past language, as you speak...* (Todos os meus alunos aprenderam minha passada língua, como você fala...)

Depois de alguma demora, o copo escreveu:

— Quaglio.

Jurandir lembrou-se do professor Clemente Quaglio, que ele havia conhecido, e pediu-lhe que dissesse algo que o identificasse. E o copo escreveu:

— Irio.

Jurandir lembrou-se do dentista Irio Quaglio, ainda vivo e filho do professor Clemente. Não houve mais nada.

Desde o começo eu vinha insistindo para que aparecesse Bentinho, ou Bento Enéas de Souza e Castro, e por fim o copo escreveu:

— Bento aqui novamente e surpreso.

— Ótimo! Exclamei. Foi ótimo que viesse porque tenho umas perguntas a fazer. Seu aparecimento naquele dia nos deu grande gosto.

O copo escreveu:

— Diga depressa.

— Eu queria saber de duas coisas: 1º) quem recebeu você aí quando passou, e 2º) se está livre daqueles sofrimentos da doença que o matou.

O copo escreveu:

— Não reconheci (o espírito que o recebeu depois da morte, evidentemente), quanto aos meus sofrimentos terrenos, ficaram nesse vale de dores.

— E sente-se feliz agora?

— Como nunca.

E depois:

— Não me canso de vê-los...

O Walter estava presente e eu perguntei:

— Sabe quem é este moço?

— Não.

— É filho do Enéas...

— Levado como o pai?

De fato, Enéas foi terrível em menino, no tempo em que Bento o conheceu.

Depois o copo escreveu:

— Ainda me sinto aturdido de me achar na presença de meus queridos.

— Quer aparecer outras vezes, Bentinho, quando fizermos sessão de copo?

— Sim, se me for possí... - e faltou-lhe força para completar a palavra possível.

Depois o copo escreveu:

— Ameixeira Valongo.

— Quem é? Que foi em vida aqui na terra?

— Aguadeiro do Porto.

— Há quanto tempo faleceu?

— Passei há vintenas de anos.

— E a vida aí é melhor do que na terra?

— Eu que o digal

— Uma coisa, Ameixeira: como carregava você água no Porto? Em pipa na carroça, em lata, em barril?

— Barril.

— E que preço cobrava por barril d' água?

— Isso era lá com o patrão.

— E não há aí água a carregar?

— A existência aqui é outra.

— Tem algum conselho a nos dar?

— Não escolham a minha profissão. Deixou-me corcunda e o terror das cachopas do meu tempo.

Depois de muita falha o copo escreveu:

— Salinas Lupita.

Fiz várias perguntas e o copo escreveu:

— Será que no me dejan en paz?

— Ora essa! Quem está perturbando a sua paz?

— *Tu mismo...*

E foi só.

Sessão de 29 de maio de 1944

Purezinha e Marta, no copo. Lobato: no lápis.

O copo não tardou a manifestar-se e escreveu:

— Medeiros de Albuquerque.

— Vivai - exclamei. - Fui um grande admirador do corajoso Medeiros, de carne e osso. Estava muito surdo, quando o conheci. Como se arranja aí no Além com a audição?

— Não necessito dela aqui.

— Medeiros, você, que nunca teve papas na língua, diga-me sinceramente, o que pensa da vida do Além?

— O que eu poderia dizer ficaria muito acima de tudo quanto jamais sonharam os eruditos.

— Então vale a pena morrer?

— Para mim valeu.

— Você tinha fama de ser um grande tomador de gemas de ovo. Lembra-se de quantas gemas tomava por dia?

— Duas dúzias.

E a força acabou, ou o espírito afastou-se, pois o copo começou a fazer círculos, sem marcar letra nenhuma. Fizemos uma pausa.

Finda a pausa, recomeçamos. O copo escreveu:

— *Tout...* - e desnor-teou, nada dando. Depois de várias tentativas falhas escreveu:

— *Avec vous.* (Com vocês.)

— Oh, já sei quem é. M. Victor Courteaux, não é verdade?

— *Oui, le même a qui madame a dit des mauvais mots...* (Sim, o mesmo a quem a senhora disse más palavras.)

Purezinha espantou-se da persistência do ressentimento desse espírito e

pediu-lhe que a perdoasse, pois falara aquilo, naquele dia, sem nenhuma intenção de ofendê-lo. E o copo escreveu:

— *Elle est bonne au jourd' hui...* (Ela está boa hoje.)

- Muito bem, M. Courteaux. Estou contente de ver que a rixa está terminada, disse eu. Sabemos que foi um grande *seigneur*. Mas de que tipo?

- *Millionaire*. (Milionário.)

— Muito bem. E quando foi que passou? Quando morreu, ou melhor, há quanto tempo?

— *Deux décades*. (Duas décadas.)

— Em que governo francês?

— *Tardieu* (André Tardieu [1876-1945], político e diplomata francês, foi presidente do Conselho em 1929-30 e 1932)

- E que estava fazendo em Brazzaville? Em algum cargo de administração?

— *Oui. Commissaire*. (Sim. Comissário.)

Sessão de 30 de maio de 1944

Purezinha, Marta e Campos no copo. Houve demora. Por fim o copo começou a movimentar-se, mas muito fraco. Marcou a letra A e ficou nisso. Depois escreveu:

— Telurio Gomez.

Mas por mais que eu insistisse não deu mais nada.

Paramos um bocado e depois continuamos e o copo escreveu:

— Souza e Castro.

— Que Souza e Castro? - perguntei. - Diga o nome. É Bento Enéas? É Bento Joaquim?

— Bento Enéas.

— Ótimo, Bentinho! Estávamos querendo que aparecesse. Tenho várias coisas a perguntar, como por exemplo: por que se comunicou conosco aquela primeira vez, você que desde que morrera jamais se comunicara com ninguém neste mundo dos vivos? Que foi que induziu você a procurar-nos?

— Senti uma poderosa força atrair-me para uma só direção.

— Mas de que modo se manifestava essa força? Explique melhor.

— Parecia que um ímã me arrastasse.

— E de quem supõe que partisse a atração? De qual de nós quatro aqui?

— Deve ser a comunhão.

— Diga-me: tem força bastante para atender a uma série de perguntas, três ou quatro?

— Talvez.

— Encontrou-se aí com o dr. Quirino e Nhá Tivica?

— Não.

— E outros parentes?

— Pouquíssimos.

— Lembra-se do Wenceslau lá da chácara? Do velho Nonato?

— De todos.

— Bem. Diga-nos uma coisa sua, espontânea, que só você possa dizer.

— Ubatuba.

Bentinho passara em Ubatuba, quando juiz, a fase mais feliz da sua vida, quando para lá foi Mercedes. E foi lá que começou a sua misteriosa doença, a qual lhe apagou a consciência e o deixou um puro autômato, de vida vegetativa, apenas. A palavra 'Ubatuba' em sua boca, como resposta à minha pergunta, é duma alta significação identificatória.

Perguntei mais ainda:

— Quer dizer alguma coisa com respeito a nós aqui, à nossa vida? Dar um conselho? Fazer uma sugestão?

— Estou tão alheio ao que vos sucede... Adeus.

Sentimos que a força estava acabada. A palavra 'Adeus' foi escrita com esforço.

Depois do Bentinho concentramo-nos e eu invoquei, inutilmente, uma série de amigos mortos. Ninguém veio. Insisti e esperei. Chamei o Maneco Lopes, o Correia (Raymundo), o Ricardo (Gonçalves), o Heitor (de Moraes)... E, por fim, o copo entrou a mover-se e escreveu:

— Deixa essa cag..., Lobato. (Disse-o com todas as letras.)

O estilo é o homem. Reconheci imediatamente o Maneco Lopes, aquele terrível boca-suja. E perguntei:

— Não é o Maneco Lopes que está falando? Juro que é...

E o copo respondeu:

— Sim.

— Ótimo. Viva, Maneco! Nós nunca esquecemos o nosso grande amigo desbocado. Diga alguma daquelas suas tão famosas...

— Meus palavrões de hoje são mais arrepiadores que os de outrora.

— Então, cale-se, por favor... Diga: tem encontrado por aí o Ricardo, o

Correia, o Gama e outros?

— São uns bocós.

Sessão de 31 de maio de 1944

Purezinha, Marta e Campos no copo. Lobato, no lápis.

O primeiro espírito que se manifestou deu, por intermédio do copo, o nome de:

— Cornualdo Feliciano.

Perguntei onde falecera e a resposta foi:

— Salamanca.

— De que nacionalidade era? - indaguei. .

— Deduza.

— Espanhol, portanto...

— Sim.

— Há quanto tempo passou?

— *Qui lo sá? A nadie importa.* (Quem sabe? A ninguém importa.)

— Que vida é melhor? A da terra ou a do Além?

— Depende do indivíduo.

— No seu caso, qual das duas vidas prefere? A antiga ou a de agora?

— *La de ahora, que soy una pequena luz altita a vagamundear indefenidamente.*

— E qual a função de vocês aí, no espaço?

— *Cada uno con sus posibilidades.*

— Diga alguma coisa identificatória, e qual a sua profissão na terra.

— *Ustedes no me conocieran. Correeiro.*

Resposta muito boa, pois não poderia identificar-se, um desconhecido.

Depois desse espanhol, apresentou-se Guilherme Lobato, e eu perguntei se o estado constante da tristeza e os suspiros de sua mãe o não prejudicavam no espaço, e sua resposta foi:

— Não.

— Não poderá você dizer-lhe algo que a arranque dessa tristeza?

— Dolorosa, como é, só o tempo a consolará da nossa passagem.

Evidentemente nessa resposta Guilherme se refere à morte dele e do Edgard. Perguntei:

— Você a vê chorar?

— Sínto-a chorar de distância infinita.

— Diga-nos, Guilherme, se tem alguma missão aí.

— Não chore.

Em vez de responder à minha pergunta, ele se dirigiu a Purezinha que estava com lágrimas nos olhos.

Perguntei ainda:

— Manifestou-se você alguma vez ao Antonio Olavo, marido da Guinara?

— Não.

Em seguida o copo escreveu:

— Alberto...

E não foi adiante.

Sessão de 3 de junho de 1944

Purezinha, Marta e Jurandir. Lobato, no lápis.

Estivemos meia hora lidando, e o copo não fez o menor movimento.
Desistimos.

Sessão de 4 de junho de 1944

Os mesmos, eu no lápis.

Depois de alguns minutos o copo entrou a mover-se e escreveu:

— Lineu Matoso. Um desconhecido dos presentes. Perguntei o que fora em vida.

Resposta:

— Calceteiro.

— Onde?

— Pernambuco.

— Há quanto tempo morreu?

— Não faço a menor ciência.

— Diga-me Matoso: pode responder a uma pergunta mental nossa?

— -Não.

— Por quê?

— Porque necessita uma comunhão de forças.

— Não produzimos todos nós aqui juntos a força necessária?

— Nem todos os presentes possuem força suficiente.

— Qual de nós quatro possui mais força?

— A de casaco solto.

Purezinha e Marta estavam de casaco, mas Purezinha com o seu solto, caído nas costas. Achamos interessante a maneira do espírito identificá-la.

— E qual o de menor força? - perguntei.

— O de cigarro na mão.

Jurandir estava fumando, e naquele momento com o cigarro entre os dedos.

Depois dessa manifestação, o copo escreveu:

— Edgard.

— Edgard Lobato? - perguntei.

— Sim - foi a resposta, mas a comunicação não prosseguiu, porque Purezinha fica muito abalada quando um de nossos filhos aparece. E interrompemos a corrente.

Quando conseguimos formá-la, de novo, o copo passou, insistentemente, a marcar uma só letra:

— K... K... K...

— Vamos — disse eu. — Se o copo está se movendo, é que atua nele um espírito. Pedimos a esse espírito que diga quem é e o que quer.

Mas, em vez de resposta articulada, continuou aquela insistente marcação do K. Tirei o K de onde se achava e coloquei-o do lado oposto.

Imediatamente o copo começou a marcá-lo do lado oposto. Jurandir mudou-o, novamente, de posição, e o copo continuou a marcá-lo e a ele unicamente. Jurandir tirou a letra K do círculo e jogou-o a uns três palmos de distância. O copo entrou em giro violento, como que indignado. De repente, num arranco, saltou fora do círculo de letras e foi marcar o K lá longe onde se achava. Jurandir colocou o K ainda mais longe e em outra direção. O copo, sempre violento, saltou, outra vez, do círculo e foi marcar a letra exilada:

— K... K... K... — e escreveu: — Imbecil.

— Quem? - perguntei - A quem se dirige esse insulto? Ao Jurandir Campos?

— Sim. Burro! ... K... K... K...

E o copo começou a bater no K, com tanta força que tivemos de parar. E nada mais houve nesse dia.

Sessão de 5 de junho de 1944

No dia seguinte voltamos ao copo na mesma hora, com as mesmas pessoas. E, depois de alguma concentração, obtivemos um nome:

— Beraldino Cervantes.

— Há quanto tempo está aí, Cervantes?

— *Decenas anos* (Dezenas de anos] - foi a resposta, e nada mais disse.

O copo estacionou imóvel. O espírito já não estava ali.

Insistimos. Chamamos outros. Invocamos vários amigos e parentes mortos - e o que apareceu foi outro desconhecido.

— *Louis Huguin*.

— Muito bem, Huguin - disse eu. - Fale alguma coisa espontaneamente.

— *Pour quoi vous m'appelles depuis le grand silence?... (Por que me chamais depois do grande silêncio?)*

E aqui houve atrapalhação, na anotação das letras. Fiz então várias perguntas e insisti numa; e o copo escreveu:

— *Je ne comprend pas les conversations du monde actuel. (Não compreendo a conversação do mundo atual.)*

— *Alors, dites quelque chose de vous même* — disse eu. (Então, diga alguma coisa espontaneamente.)

— *Je ne remercie pas votre appellement. (Não agradeço o vosso chamado.)*

— Mas ninguém o chamou, amigo Huguin. Nem poderíamos chamá-lo, porque não o conhecíamos em vida. Veio de modo próprio. Diga qualquer coisa sua.

— *J aime mon silence...* (Amo o meu silêncio...)

Depois desse francês, o copo escreveu:

— Inamin...

— Quem será? — perguntei. - Parece nome de índio.

— Sou mulher - escreveu o copo.

— De que nacionalidade?

— Argentina.

— De que cidade?

— Rosário.

— Muito bem. Senhora ou senhorita?

— Senhora, sim.

— Muito bem, senhora Inamin. Lembra-se há quanto tempo está aí?

— Parece que perdi a noção do meu passamento. - E mais não disse.

O copo imobilizou-se e ficamos à espera de que outro espírito o movesse. Súbito, o mesmo da véspera - o do K. E insiste na mesma coisa, a marcar, inúmeras vezes a mesma letra, K... K... K...

Interrompemos a corrente, e depois de alguns minutos tentamos de novo e o que apareceu foi mais uma vez o tal do K... K... K... Aborrecido com aquilo, fiz-lhe uma preleção amistosa. Disse que não havia razão para aquela atitude com pessoas que nada lhe tinham feito de mal e que só lhe desejavam o bem. E disse ainda que teríamos grande gosto em saber o nome do misterioso amigo da letra K, e também desejávamos saber a razão dessa preferência. E afinal o espírito respondeu:

— Não possuo mais apelido. K... K... K...

— E por que não sai nunca desse K?

— Para que não me aborreçam com perguntas inúteis.

— Perdão, amigo. Nós não o chamamos naquele dia, nem hoje. Lembre-se que apareceu espontaneamente.

— Vocês me atraíram.

— Se o atraímos, não foi por querer, pois como poderíamos voluntariamente atrair uma criatura que não conhecemos? E se mesmo essa nossa atração involuntária o ofende ou magoa, pedimos que nos desculpe e

não faça disso razão para vir perturbar os nossos trabalhos. Há outros espíritos que querem manifestar-se e têm gosto nisso. Fazemos votos para que seja feliz e viva em paz. Todos nós aqui só lhe desejamos o bem, na paz de Deus.

— Obrigado - escreveu o copo. - Não mais aparecerei. K... - e, de fato não mais apareceu. Quem apareceu foi Edgard... mas ficou no enunciado do seu nome por causa de um debate perturbador entre mim e Purezinha. Depois disso o copo imobilizou-se.

O debate foi motivado pela oposição de Purezinha ao aparecimento de Edgard.

Sessão de 7 de junho de 1944

Purezinha, Marta e Jurandir. Lobato no lápis.

Quando o copo começou a mover-se, todos recearam que reaparecesse o K, mas o começo foi animador:

— Muito boa noite - mas logo em seguida o copo marcou K... - Cuidem de outra coisa, K...

— Qual a razão de reaparecer, apesar da promessa em contrário da última noite? - perguntou Jurandir.

-Amolá-los.

— Só isso?

— Sim, K...

— Não pretende qualquer outra coisa? - continuei eu perguntando.

-Não, K...

— Mas por que faz isso?

— Porque quero, K...

— Mas isso é desagradável e desinteressante...

— Turrões! Idiotas!

— Diga ao menos quem é.

— Querem um nome? Fui um renegado pelos humanos.

— E por que não nos renega também?

— Não quero. K... K... K...

Sessão de 9 de junho de 1944

Purezinha, Marta, Jurandir, e eu no lápis.

A sessão esteve boa. O primeiro que se apresentou veio com o K inicial, e esfriamos. Mas não era o terrível K e sim:

— Knight Candall.

— Inglês? — perguntei.

— *Yes.* [Sim.]

— De onde?

— Landmere.

Não sei onde é *isso*, mas arrisquei:

— Escócia?

— *Yes.* [Sim.]

— Diga-me; há quanto tempo morreu ou passou?

— *Oh, so long ago..* (Oh! há muito tempo...)

- Não se lembra sob que soberano viveu cá na terra?

- *Charles The Second.* [Carlos II.]

- Oh, foi então contemporâneo de Cromwell?

— *Yes.* [Sim.]-

— E que profissão tinha na Inglaterra daquele tempo?

— *Stage coach man.* [Cocheiro de mala postal.]

— Muito bem, Candall. Diga-nos agora como é a vida aí no que chamamos ‘o Além’?

— *The living people canot make un absolute imagination of the way we stand in this fog that involve us. (Os vivos não podem sequer imaginar a maneira como permanecemos nesta bruma que nos envolve.)*

Depois desta manifestação, que achamos ótima e muito comentamos, o

copo escreveu Edgard... E Purezinha esfriou, porque fica muito nervosa quando aparece um dos nossos filhos. E eu, certo que era o nosso Edgard, comecei com uma pergunta, mas o copo escreveu:

— Nolasco.

Não era o nosso Edgard, era Edgard Nolasco, um desconhecido. Perguntei onde vivera e morrera.

— Capetown.

— Há quanto tempo? Quantos anos?

— Centena só.

— E a nacionalidade?

— Argeliano.

— Mas de que sangue?

— Filiação argentina.

— Que profissão tinha em Capetown?

— Comerciante.

— De quê?

— Secos e molhados.

— E por que nos fala em português?

— Porque os amigos falam essa língua e eu também estudei a língua irmã.

Nesse ponto escapou-me um aparte: “Formidável” e o copo imediatamente escreveu:

— Formidável por quê?

— Sim, eu acho tudo isso formidável. Mas onde estudou português?

— Nos livros.

— Com que fim?

— Para instruir-me.

— Muito bem, Nolasco. Suas respostas nos encantam. Pode dizer-nos

quem o recebeu aí no Além, quando morreu?

— Eram tantos... Como recordar?

— Qual a vida melhor? Em que vida se sente melhor?

— Nesta em que livremente permaneço.

— O que o fez aparecer aqui hoje?

— A força de todos reunidos.

— Qual de nós quatro possui alguma mediunidade?

— Somente as damas presentes.

— Diga-me: pode ler no nosso pensamento?

— Não tenho esse poder.

Comentamos o fato de não termos, eu e o Jurandir, nenhuma mediunidade, e o copo escreveu:

— Desenvolvam-se.

Purezinha fez uma observação qualquer a propósito dos nossos apartes e comentário e revelou pressa em continuar. O copo imediatamente escreveu:

— Como está apressada! ...

— Quem está apressada? — perguntei.

— A senhora de negro.

Purezinha estava de capote preto. Fiz uma última proposta:

— Amigo Nolasco, saiba que nos encantou. Queremos agora que diga uma frase sua, espontânea, sem nenhuma sugestão nossa.

E o copo escreveu:

— Apreciei imensamente o trabalho desta sessão.

Sessão de 12 DE JUNHO DE 1944

Os mesmos de sempre.

Cinco minutos depois da concentração o copo entrou a mover-se e escreveu:

— Que querem?

— Saber o nome do espírito que está presente. Pode nomear-se?

— Constantino Valdouro.

— De que cidade? Onde passou?

— Villar de Andorinho.

— Onde é isso?

— Portugal.

— E sabe há quanto tempo deixou a terra?

— Já não faço conta.

— Nem se lembra que rei reinava em Portugal?

— Parece-me que d. João IV.

— E qual a sua profissão cá neste mundo?

— Fanteiro.

Nenhum de nós sabia a significação dessa palavra, e eu perguntei ao espírito o que era; mas em vez de resposta o copo escreveu o nome de outro espírito:

— Pedreira Feliz. Sou um novo visitante.

— De que nacionalidade?

— Portuguesa.

— E por que veio? Ninguém aqui o conhece e pois ninguém o invocou.

— Chamaram-me.

— Queira desculpar, irmão, se sem querer o fomos incomodar lá onde estava.

— Aceito a apologia.

Perguntei qualquer coisa, enquanto Purezinha dizia algo e mostrava pressa de passar para outra tentativa. A resposta foi:

— A pressa da senhora me perturba.

Foi só.

O curioso desta comunicação está na menção de "Villar de Andorinho", lugarejo de que nenhum dos presentes jamais tinha ouvido falar.

A Marta foi ao dicionário e encontrou: "Freguesia do Conselho de Vila Nova de Gaia, no Douro". Também não sabíamos o que fosse 'fanqueiro', que é, vimos no dicionário, um comerciante de fazendas de certo tipo. *E a palavra 'apologia', no sentido já meio arcaico de 'justificação' está bem próprio para um contemporâneo de d. João IV.*

Essas notas em grifo são referentes ao segundo visitante, que, com certeza, era contemporâneo do primeiro.

A comunicação seguinte não deu nada de curioso, como, em geral, a dos espíritos de mulheres. O copo escreveu:

— Agueda Sagamor.

Perguntei de onde era.

— *Al juba. Voy respostar su pregunta. (Vou responder sua pergunta.)*

-Muito bem, irmã. Quando passou, quem reinava na Espanha?

— *Izabel.*

— Pode dizer-me o nome do marido dessa rainha?

— *Fernando.*

— Diga-me: ao tempo em que desencarnou já havia Colombo descoberto a América?

— *No.*

— Como se chamava seu marido?

— *Tuve tantos... (Tive tantos...)*

— Tantos, irmã? Que história é essa?

— *No me preguntes mas cosas sobre mis amores.* Estranhámos aquela mistura de espanhol e português. Pedi que nos dissesse algo espontâneo e a resposta começou e falhou:

— *Que puedo dis...* (Que posso diz...)

Sessão de 14 DE JUNHO DE 1944

Os mesmos de sempre.

Houve inicialmente uma fraca tentativa para escrever [talvez] *Guilherme*, mas parou na quarta letra Guil... Uns minutos de espera e por fim apresentou-se Bento Enéas, pela quarta vez.

— Muito bem! — exclamei. — Já andávamos com saudades de você, Bentinho. Temos feito sessões quase todas as noites, e você não apareceu mais. Por que apareceu hoje?

— As vontades emanadas pelos eflúvios dispendidos pelos meus saudosos parentes fizeram sentir-me arrastado ao encontro de vocês.

— Muito bem. Tenho uma coisa a perguntar. Você era muito ligado à Mercedes e aos parentes. Desejo saber se esses sentimentos continuam, se você ainda se interessa por suas irmãs aqui - Maria José, Valdemira...

— Isso são coisas relegadas aos terrenos.

— Não continua então ligado aos parentes que ainda aqui estão?

— Pelo menos comigo isso não se deu.

— Lembra-se do dr. Bastos, de dona Adelaide? Não se encontra com eles aí? Quem foi o dr. Bastos?

— Conheci-os somente na vida aí na terra. Era meu sogro. A nossa existência aqui jamais será compreendida por seres terrenos.

— Diga-me: sente prazer em comunicar-se conosco?

— Sim. Apesar de pouco compreender a necessidade de vocês ainda se interessarem por uma alma tão afastada. Adeus...

Tentamos novas comunicações, mas o copo ficou-se imóvel.

Sessão de 16 de junho de 1944

Lobato ausente. Presente Alice, viúva do Orlando Rocha.

Alice falava demais, não parou de falar o tempo todo e parece que isso atrapalhou. O copo escreveu primeiramente o nome dum desconhecido:

— *Joseph Stage. I was born at Glendale.* (Nasci em Glendale.) Houve falatório, discussão e, por fim, referindo-se a qualquer coisa dita pelo Jurandir, o copo escreveu:

— *Yon are wrong, my friend.* (Você está errado, meu amigo.) E retirou-se.

Restabelecida a corrente, o copo tentou escrever um nome e em seguida indagou:

— Onde está aquele senhor inteligente para dirigir a sessão?

— O Monteiro Lobato?

— Sim.

— Ele não chegou ainda. Está na rua. Pode dizer-nos quem está falando?

— Orlando Alvarenga.

— De onde?

— Parnaíba.

Nova discussão. Alice Rocha fala sem parar. Quer que apareça o Orlando (marido); e o Orlando aparece. O copo escreveu:

— Orlando Rocha. Lize; reze por mim, que fui um grande pecador. Alice ficou muito agitada e perguntou o que deveria rezar.

— Qualquer coisa.

Jurandir perguntou que tal era a vida que ele estava tendo no Além; e o copo escreveu:

— Perfeita. - E dirigindo-se a Alice:

— Seja previdente. Não esbanje o pouco dinheiro deixado com tanto sacrifício. Um longo beijo enviado do Além.

Sessão de 21 de junho de 1944

Os mesmos de sempre. Lobato no lápis.

Depois de alguma espera, o copo escreveu:

— Lesbão Moncorvo.

— Que foi aqui na terra, irmão?

— Jornaleiro.

— Onde?

— Na Vinha do Quinteiro.

— Em Portugal, isso?

— Sim.

— Quando? Sob que governo?

— Salaz... e não houve força para completar a palavra Salazar.

O copo escreveu:

— Guilherme... e parou. Insistimos para que completasse a palavra, inutilmente.

Na terceira tentativa o copo começou com o celebre K das sessões anteriores:

— K... K... K... K... - que eu pacientemente ia anotando, enquanto amistosa e suavemente ia tentando conquistar a boa vontade desse espírito torturado.

— Irmão, nós aqui só temos boas intenções a seu respeito. Sentimos que é um torturado, um atormentado por qualquer coisa, e tudo faremos para consolá-lo. Mas, antes de mais nada, diga-nos por que continua a aparecer em nossas sessõezinhas, depois de haver prometido que não viria mais? Por que não cumpriu o prometido?

— Vocês me perturbam terrivelmente.

— Se o fazemos, não é por vontade nossa, ou por maldade. Quando

aqui nos reunimos, nada sabemos do que se passa no Além; invocamos espíritos de parentes e amigos, os quais raro comparecem. Em vez disso, aparecem, espíritos como o do irmão, nosso desconhecido e sempre queixoso. Por que isso? Que é que o prende cá à terra?

— Tenho o meu corpo astral ainda muito apegado ao mundo que me castigou tão duramente. K... K... K...

— Se foi assim, há alguma razão para esse estado de ânimo. Mas tudo já se passou, irmão. Tudo foi cá nesta terra de iniquidades, e creio que aí na vida do Além o irmão já não sentirá como sentiu entre nós, não é assim?

— K... Infeliz já não sou. K... K...

— Ótimo! Foi infeliz somente neste nosso mundo tão torto. E por quê, irmão? Que aconteceu aqui que o conserva assim tão amargo e ressentido? Que lhe fizeram os homens, irmão?

— Fui decapitado...

Horrorizamo-nos. Essa palavra nos soou lugubrememente trágica.

— E onde, irmão? Em que terra os homens cometeram tão horrendo crime?

— França.

— Eu estava imaginando isso. A França ainda tira a vida dos homens por meio da guilhotina. E pode dizer-nos, irmão, o seu nome?

— Jenk... — o copo escreveu essas letras e por mais que eu insistisse não foi além. Perguntei então qual o motivo da decapitação.

— Política.

Fiz considerações sobre a monstruosidade que é a punição dos crimes políticos, que só são crimes para os dominantes no momento, e procurei consolá-lo por meio de considerações filosóficas. Em certo ponto o copo, que *ouvia*, pôs-se a rodar e escreveu:

— Os seres humanos só me causam repulsa.

— A mim também. Tenho sofrido tais injustiças neste meu viver terreno, que subscrevo *in totum* as palavras do irmão. E quero tornar-me seu amigo. Quero que apareça sempre e nos conte a sua vida e sinta que, se há criaturas humanas que são verdadeiros monstros, como os que o justiçaaram,

outras há cheias de bondade e amor.

Nesse momento Purezinha cochichou em aparte: “Como é que ele fala português?” e o copo escreveu:

— Posso falar qualquer coisa.

— Sim, sei disso, irmão. Os espíritos possuem faculdades que nós aqui não podemos compreender. Mas uma pergunta: sob que presidente ou reinado sucedeu a sua tragédia?

— Luís Quatorze.

Ficamos seriamente impressionados e eu ainda tentei extrair mais alguma coisa do desesperado K, mas em vão. Evidentemente, já se havia afastado. Mas não perco a esperança de serená-lo e fazê-lo nos contar mais coisas de sua vida neste mundo.

Depois do K o copo imobilizou-se dois ou três minutos e, por fim, com muita preguiça, ou falta de força, escreveu:

— Pureza.

Imaginei que fosse a segunda esposa do dr. Quirino, avô de Purezinha, e insisti para que se identificasse, mas não houve mais nada.

Após breve descanso, voltamos ao copo, e dessa vez começou a sair uma palavra suspeita, que fez Jurandir esconder a cara, como é seu costume, quando aparecem espíritos com palavrões. A palavra iniciou-se com as letras “Bos...” Jurandir deu um risinho espremido, com a cara escondida no braço - o copo, imediatamente:

— Quem riu, comeu...

Grande sucesso. A sessão foi interrompida para os comentários, e por fim Purezinha se queixou “dos espíritos sem educação”. A dizer isso, o copo escreveu, violentamente:

— Bruxa! ...

Ela tentou emendar, pediu desculpas etc., mas o copo insistiu, colérico:

— Bruaca! ...

Sessão de 27 DE JUNHO DE 1944

Os mesmos.

Depois da demora usual, o copo escreveu:

— Não perdem uma só sessão os mais amigos nossos...

— Não estou entendendo, irmão. Quem não perde uma só sessão? Vocês amigos aí do espaço ou nós aqui?

— Refiro-me aos praticantes desta sessão.

— Continuo na mesma, irmão. Praticantes daí ou daqui?

-Vocês.

— Quem está falando?

— Edmundo Nogueira.

— Ótimo, Edmundo! . Suponho que é aquele de Barra do Pirai...

— Sim. Já me comuniquei uma vez...

Nesse momento o telefone soou e fui atender. Era o René (Thiolier). Enquanto falava com ele, alguém da roda perguntou pelos parentes que Edmundo deixara no mundo. E a resposta foi:

— Meus entes bem amados ficaram muito distantes deste espírito que passou tão antecipadamente.

— Quer dizer que morreu muito moço, não é assim?

— Bem jovem.

— Não se lembra quando morreu? Em que ano?

— Não sei o que responder.

— Por acaso não se recorda de quem era o chefe do governo ao tempo da sua morte, irmão? Em que presidência ou em reinado?

— Sinto-me tão afastado... Mas creio ter sido Peçan...

O copo estacionou. Suponho que queria dizer Peçanha, Nilo Peçanha, que esteve no governo antes do Hermes.

Sessão de 3 de julho de 1944

Os mesmos de sempre.

O copo começou com uma pergunta:

— Quem me chama?

— Ninguém o chamou, irmão. Sentamo-nos aqui em sessão e o irmão foi o primeiro a aparecer. Pode dizer-nos alguma coisa? Quando morreu, por exemplo?

— Sou tão desprendido do que ocorre nesse vosso planeta materialista que tudo que me vem daí me é desinteressante.

— Acredito. E não pode ao menos dar-nos o seu nome?

— Darius Kopeckhus.

— De onde era?

— Dalmac... e parou aí, antes de concluir a palavra Dalmácia.

Depois de algumas tentativas vãs, Purezinha fez uma observação qualquer e eu disse-lhe: “Cuidado com as chamadinhas do Além...” e o copo escreveu:

— E por que não em você?

Ri-me e disse para a roda: “Isto está me cheirando a Maneco...” e o copo:

— Maneco, sim, e por que não?

— Temos medo de você, Maneco, mas mesmo assim peço que diga alguma coisa.

— Sou muito inconveniente.

— Não faz mal, diga...

— As duas senhoras ficariam chocadas.

— Quer dizer que você continua o mesmo de sempre?

— Mas em edição...

— Melhorada?

— O Lobato acabou a minha frase.

— Muito bem, Maneco. Eu sempre tive em alta conta as suas opiniões, porque você sabia ser sincero e verdadeiro. Diga-me como é a vida aí?

— Você já sabe tudo a respeito deste lado, porque anda agora só em companhia de pessoas do nosso lado.

— Mas diga ao menos se a impressão que teve do Além foi maior ou menor que a esperada.

— Superou. Agora, com licença de d. Purezinha, vá à m... [Palavra inconveniente.]

Sessão de 6 de julho de 1944

Os mesmos de sempre.

Inauguramos hoje um oleadinho novo, com belas letras nela escritas a nanquim, e o primeiro espírito que apareceu foi o de:

— Xerxes Escudero.

— Onde morreu, irmão?

— Amarante. (Portugal)

— Mas era de nacionalidade espanhola, não?

— Argentina.

— E que profissão tinha?

— Arte. Pintor.

— Ótimo! E que tipo de pintura era a sua?

— Fui amador.

— Não importa. A que gênero de pintura se dedicava? Paisagem? Figura humana?

— *Naturaleza muerta*. (Natureza morta)

— Ótimo! Ótimo! Temos aqui na roda um pintor dessa especialidade - esse aí, e aponteí do lado do Campos.

— Esse de óculos?

— Sim. E é um bom pintor. Não viu por acaso as pinturas dele, irmão?

— *Sé que son muy atrativas*.

— Pode ir lá em cima em seu ateliê e ver que quadro tem ele no cavalete?

— Pois vá e diga-nos qual o tema do quadro no cavalete.

— *Marrueco...*

— Como?

— *Um marrueco muy lindo.* (Um marreco muito lindo.)

— Que opinião faz desse quadro?

— *Pelo que yo admiré es uma maravilla.*

— Faz muito tempo que passou, irmão?

— *Mucho tiempo.*

— Sob que governo português?

— *Don Juan VI.*

Estava presente o Walter Natividade, mas afastado, estirado numa poltrona. De repente o copo pôs-se a escrever:

— Por que o rapaz sentado tão monobalmente não toma parte neste trabalho?

Voltei-me para o Walter e convidei-o a responder à interpelação. O Walter pôs-se de pé, mas antes que falasse o copo escreveu:

— Não precisa. Eu sei o suficiente a respeito. Ele precisa de assistência espiritual para poder avançar mais na vida terrena. Irmãos seus do espaço, de má índole, o perseguem.

— Mas quem é que está falando?

— K... K... K...

O copo marca a letra e continua rodando, em seguida marca, outra vez - daí as reticências.

— Viva, viva o irmão Kl Já estávamos com saudades. Não imagina, irmão, como nos comoveu a tragédia de sua vida, e se pudermos cá da terra ajudá-lo n' alguma coisa, é só dizer.

— Eu é que poderei influenciá-los...

— Pois muito lamento a nossa inutilidade. Nosso desejo de ser úteis ao irmão K é imenso. E dada a nossa grande simpatia, não poderá dar-nos o nome que tinha na terra?

— Kismet...

Kismet em indiano quer dizer 'destino'. Seria também nome próprio?

Se era, que me desse o sobrenome, pedi. E o copo escreveu:

— Louvain.

Agradei a bondade do irmão e falei longamente da sua tragédia, da infâmia que era serem justicados os criminosos políticos, já que o crime político não passa de mera discordância de ideias. E perguntei-lhe qual o crime político que o levava ao cadafalso, no tempo de Luís XIV, conforme manifestação anterior.

— Conjuração.

— Contra quem? Uma conjuração é sempre contra um potentado, ou uma situação dominante. Contra quem conspirou, irmão?

— O rei.

— Pois esse rei foi castigado na pessoa d'um neto, Luís XVI, o qual também foi decapitado com a rainha Maria Antonieta. Conhece esses fatos históricos, irmão Kismet?

— Não sei o que passou.

Contei-lhe tudo, o reinado de Luís XV e depois o de Luís XVI, no qual irrompeu a revolução do povo espoliado e faminto. Contei do sistema usado para decapitar o rei, a guilhotina, que não existia antes da revolução.

— E você, irmão? Por que processo foi decapitado?

— Pelo mais bárbaro — e o copo estacionou. Tentamos de novo. Apareceu um espírito grosseiro e sem graça e encerramos a sessão.

Sessão de 10 de julho de 1944

Os mesmos de sempre.

Não demorou muito e o copo escreveu:

— Roderico - e parou.

Insistimos por algum tempo e o copo continuou:

— Jarbas Tinoco.

— Muito bem, irmão Roderico, diga-me...

— Não me chamo Roderico — escreveu o copo, interrompendo-me.

— Perdão, irmão. São dois espíritos distintos e eu julguei que fosse um só. Pode dizer-me onde nasceu?

— Eu fui nascido na terra em que tanto sangue tem sido derramado.

— Estamos numa guerra generalizada, de modo que muitas terras se acham nessas condições. A qual se refere?

— Itália.

— Em que cidade?

— Piemonte.

Purezinha observou, em aparte, que era estranho chamar-se Jarbas Tinoco um homem nascido na Itália, e o copo esclareceu:

— Pais portugueses.

— Obrigado, pela informação, Tinoco. E pode dizer há quanto tempo passou?

— Perdi a noção.

— Não pode nem ao menos recordar-se do soberano da Itália naquela ocasião?

— Talvez tivesse sido Victorio Emmanuelle.

— Qual deles?

— O pai do antecessor do atual, que, de majestade só possui o nome (Desde 1900, Vítor Manuel III [1869-1947] era o rei da Itália, tendo apoiado o regime fascista de Mussolini. Por ironia, após a derrota militar da 2ª Guerra, o próprio rei pediria a prisão do *duce*. Vítor Manuel II, a quem o espírito também se refere, tomou-se o primeiro rei da Itália, em 1861, após campanha para a unificação do país).

— Como sabe? De que modo aí do espaço sabe do que se passa na política da terra?

— Perambulando pelos arredores daquele país.

— Tem então interesse pelas coisas da terra?

— Procuo acompanhar e tento influenciar os meus parentes.

— Bom. Agora outra pergunta. Por que apareceu nesta nossa sessãozinha, sendo, como é, nosso desconhecido? Por que veio, e não vêm amigos e parentes que insistentemente chamamos?

— Talvez porque eu tivesse atravessado a corrente produzida pela força dispendida pelos amigos presentes.

— Muito esclarecedora a sua resposta, irmão Tinoco. E por que motivo quando estamos recebendo comunicação dum espírito, ele, muitas vezes, interrompe a frase e some-se? Será que cada um vem com uma quantidade certa de força? Esse ponto me é obscuro.

— É que a corrente foi interrompida por qualquer perturbação causada em algum dos participantes.

— Ótimo! Compreendi muito bem. Agora, por despedida, diga-nos qualquer coisa sua, espontânea, sem sugestão nossa.

— É uma coisa difícil...

Sessão de 14 de julho de 1944

Os mesmos de sempre.

Muito curiosa esta sessão. Aos três ou quatro minutos de mãos sobre o copo, apareceu, novamente, o nosso hoje querido K... e eu aproveitei a oportunidade para referir-me à comunicação anterior em que ele disse aquilo do Walter Natividade.

— Irmão K, bem-vindo seja. Sua presença nos é sempre agradável. E a propósito da comunicação em que se referiu ao “rapaz que estava monchalantemente sentado na poltrona, sem tomar parte no trabalho”, tenho uma pergunta a fazer. Como sabe, como descobre, ou como sente, que ele anda perseguido por maus espíritos? Esclareça-nos esse ponto.

— Os nossos sentidos são mais apurados que os dos irmãos do planeta terrestre.

Nesse ponto Purezinha me disse baixinho: “Pergunte o que o Walter deve fazer” e, sem que eu formulasse a pergunta, K respondeu:

— Ele deve tentar desenvolver-se espiritualmente. Há qualquer perturbação que o deixa revoltado contra a sorte dos mais afortunados, ou contra o seu destino.

Admiramo-nos, porque é isso mesmo! A psicologia do Walter é a d’um revoltado. Mas não sei porque me acudiu uma pergunta tola, qual seja-a de indagar se era realmente Kismet Louvain quem falava. E ele:

— Por que não? Há outro com o mesmo nome?

Sim, por que se ele estava respondendo tão certo sobre o caso do Walter, quem outro poderia ser senão Louvain? Caí em mim e pedi-lhe desculpas da pergunta ociosa. Os outros troçaram de mim. Eu me defendi, e por uns instantes travou-se um bate-boca na mesinha. O copo escreveu:

— Como vocês se atropelam uns aos outros!

Rimo-nos do comentário e perguntei:

— Por que, irmão K, você, que no começo se apresentava tão furioso a ponto de nos insultar, aparece agora tão camarada e sereno, e até interessado

na sorte do nosso Walter?

— Agora começo a sentir-me mais calmo, pois vocês me fizeram um enorme bem, levando-me a conformar-me com o meu passa...

Houve aqui interferência e o copo se imobilizou. Tentei prolongar a comunicação e perguntei:

— Amigo K, será que meus esclarecimentos foram novidade? Será que a primeira vez que se comunicou com gente cá da terra foi conosco? Nunca havia se comunicado com ninguém?

O copo escreveu lentamente:

— Jamais — e parou.

Evidentemente K já se havia afastado, e quando o copo de novo se pôs em movimento, foi para escrever um nome inédito:

— Hans Schumann.

— Oh, um alemão! Se é, escreva uma frase em língua alemã, que é ignorada de todos nós aqui.

E o copo escreveu:

— *Gott Sanirmanist...* ou coisa assim.; porque me atrapalhei na anotação, e como insistisse com ele para repetir o que vinha depois de *Gott*, o copo escreveu:

— Bernardino Querido (nome d'um poeta de Taubaté). Vi que o alemão já tinha sido substituído, e disse:

— Viva, Bernardino. Lembro-me muito de você e dos seus versos. Mas por que cargas d'água nos aparece assim tão inopinadamente, quando estávamos a lidar com um alemão?

E o copo escreveu:

— Alguns irmãos me empurraram ao encontro dos velhos amigos. Que surpresa!

— A surpresa é toda nossa, Bernardino. Mas, diga-me, quem o empurrou? Não reconhece o empurrador?

— O irmão Louvain.

Ficamos maravilhadíssimos do caso e o comentamos por algum tempo. Um espírito empurrando para o copo e dele alijando o alemão que tentava

falar! E perguntei:

— Mas então conhece esse Louvain?

— Aqui entrei em contato com esse irmão, que nos está surpreendendo com a mudança nele operada.

— Quer dizer que o conhecia anteriormente, antes da mudança? Conte-nos que tinha ele, por que andava tão enfurecido?

— Aqui o encontrei em estado de grande agitação.

Apreciamos muito estas revelações, demonstrativas de que podemos, cá da terra, influenciar espíritos e fazer-lhes o bem. com as minhas palavras de solidariedade, simpatia e esclarecimento, consegui tornar aquele K, que no começo nos insultava e perturbava as nossas sessões a ponto de termos de interrompê-las, num verdadeiro amigo. E ainda havemos de obter dele comunicações interessantíssimas.

Sessão de 16 de julho de 1944

Os mesmos.

Estávamos com pouco tempo, visto esperarmos visita — e foi pena, porque a sessão prometia. O copo, depois de alguns minutos de imobilidade, escreveu:

— Que desejam de quem tão afastado de vós se encontra?

— Saber quem nos está falando, irmão. Diga o seu nome.

— Tive um nome: Eduponzelle.

— Não estou entendendo bem. Mas que foi aqui na terra?

— Imigrante vindo com os que foram meus progenitores.

— Vindo de onde, irmão?

— De Campo Santo, na Itália.

— Onde é isso? Que província?

— Ca...

O copo estacou. Tinha havido uma qualquer interrupção de corrente. Não deu mais nada.

Cinco minutos depois, fizemos nova tentativa e o copo escreveu:

— Helen Ridder.

— Inglesa?

— Americana.

— Há quanto tempo morreu ou passou?

— *I don't remember.* (Não me lembro.)

— Nem se lembra de quem estava na presidência dos Estados Unidos?

— *I think it was Taft.* (Penso que era Taft)

— Muito bem. E pode dizer-me por que motivo nos apareceu hoje, a nós que somos seus desconhecidos?

— *I am surprized myself.* (Estou surpreendida, eu própria.) *Never before I had a thing like this happened to me.* (Nunca antes havia acontecido uma coisa semelhante para mim.)

— Quer dizer que nunca teve nenhuma comunicação com os vivos aqui da terra?

— *Never.* (Nunca.)

— E como sendo de língua inglesa responde tão bem às nossas perguntas em português?

Aqui houve uma atrapalhão na anotação, e o que pude apanhar foi isto:

— *Do you know that I learned your language? To us nothing matters.* (Você sabe que eu aprendi sua língua? Para nós nada importa.)

— Uma coisa, irmã Ridden por que razão nestas sessões aparecem tantos espíritos de homens e tão poucos de mulheres?

— *May be they have many things to do.* (Pode ser que elas tenham mais coisas a fazer.)

Achamos ótima a resposta e comentamos. Depois perguntei:

— Qual a vida melhor, a sua de agora ou a aqui da terra?

— *My life now is much interesting.* (Minha vida agora é muito interessante.)

— Por quê?

— *I can't explain you.* (Eu não posso explicar-lhe.)

— Tente, irmã.

— *You wont understand.* (Você não entenderia.)

Jurandir observou que lhe parecia errada a frase, devia ser “*would not understand*” - e o copo escreveu:

— *Do you think your english is good?* (Você pensa que o seu inglês é bom?)

— E que mais tem a nos dizer?

— *Every body has so e...* (Cada um tem tanto e...) e o copo parou.

Purezinha havia pensado fortemente na visita que esperávamos e parece que isso quebrou a corrente.

Sessão de 19 de julho de 1944

Os mesmos.

Depois de muita espera, o copo entrou a mover-se lentamente; deu várias voltas preguiçosas e marcou o K...

— É o amigo Louvain? - perguntei.

— Sim.

Fiz uma grande festa a esse amigo do espaço, e como o copo continuasse na mesma fraqueza, observei isso, acentuei aquela preguiça'.

— Que há, Louvain? Parece que não vamos conseguir nada boje... — e com a mesma lentidão o copo escreveu:

— Algo me embarga... - e parou. Eu disse que talvez fosse falta de força nossa, falta de corrente, de harmonia etc., e o copo:

— Também sinto grande... - e não pôde concluir a frase. Tentamos mais um pouco e largamos.

Minutos depois, nova tentativa, e o copo, preguiçosissimamente, escreveu:

— Guilherme...

— Que Guilherme? Há muitos...

— Seu filho.

— Ótimo, Guilherme! Só sinto que apareça tão de longe em longe. Por que é assim? Fazemos estas sessõezinhas e nos aparecem os mais estranhos espíritos, e você não vem. Que há?

— Nunca tive uma chance...

E nada mais conseguimos.

Sessão de 20 de julho de 1944

O Antonio Olavo nos visitou pela manhã. Conversamos sobre o assunto e mostrei-lhe a série das comunicações obtidas com o copo. Lamentei não dispormos de um espírito guia, como ele tem no Hernani. Olavo teve uma ideia: pedir ao Hernani que viesse ser o nosso guia.

— Vou consultá-lo hoje e discutir o assunto; e à noite, lá pelas 8h30 voltarei cá.

E assim foi. Apareceu-nos à hora marcada.

— Consultou o Hernani?

— Sim. Prometeu comparecer aqui agora. Vai observar a sessão e dar-nos o seu parecer.

Eu estava curiosíssimo da experiência, da qual podia resultar alguma coisa. Conversamos um pouco e fomos ao copo. O Walter Natividade, filho do Enéas Natividade, nosso sobrinho, estava presente.

O copo manifestou-se lerdo como na véspera, e foi com esforço que marcou a letra:

— K...

— Louvain? - perguntei.

— Sim.

— Muito bem. Na última sessão em que o copo funcionou a contento, depois de você, surgiu-nos, inesperadamente, o Bernardino Querido, um velho conhecido meu de Taubaté, e contou que "havia sido empurrado de encontro a nós pelo irmão Louvain". Diga-me: como se encontrou com esse Querido?

O copo escreveu, com a mesma falta de força:

— Casualmente — e não conseguimos mais nada. Largamos.

Minutos depois, nova tentativa. A mesma indolência do copo. Por fim:

— Bento Enéas.

— Viva, Bentinhol Há quanto tempo não nos procura! Por que, depois de aparecer quatro vezes, não apareceu mais?

— Não tive uma deixa.

Comentamos a curiosa resposta. Depois perguntei, apontando para o Walter:

— Lembra-se dele? Filho de quem é este moço?

— Do Enéas Natividade.

— Isso mesmo. Diga-nos: está nos vendo nesta sala como nos veria se estivesse encarnado?

— Sim.

— Não posso entender. Nós aqui na terra sentimos através dos nossos sentidos, vemos com os olhos, ouvimos com os ouvidos. Não posso compreender que, sem dispor dos órgãos sensoriais, você possa ver e ouvir...

— Tenho sentidos mais apurados que vocês.

— Estou vendo. Diga-nos: quantas pessoas há aqui na sala?

— Sete — e eram realmente sete.

Jurandir tinha qualquer coisa na mão fechada. “Pergunte que é que tenho na mão?”¹ (cochichou-me ele), e eu perguntei:

— Pode, Bentinho, ver o que o Jurandir tem na mão esquerda?

— Não posso.

Jurandir abriu a mão e mostrou o acendedor automático. O copo então escreveu:

— Agora vejo - e foi só.

Em nova tentativa o copo marcou de novo K... e eu perguntei como é que, sendo francês, ele nos entendia tão bem e respondia em português. O copo, sempre a arrastar-se com a maior lentidão, marcou de novo a letra K...

— Vamos, K, diga qualquer coisa sua, que não seja resposta a nenhuma pergunta nossa - e o copo escreveu:

— *Bon soir. Jaiperc...* — e não foi mais além. [Boa noite. Eu perc...]

— Nova tentativa deu:

— K... II F... J... K...

Desistimos. Essa tentativa fora feita com o Olavo, também, no copo.

Este moveu-se com mais força, mas não deu nada com sentido, só letras loucas.

Olavo então consultou o Hernani. Tomo o lápis e várias folhas de papel e, por meio da sua mediunidade psicógrafa, recebeu do Hernani o seguinte:

“Aqui estou, Antonio Olavo, como prometi. Vocês não têm força para quase nada. Vocês deviam, sim, procurar outro meio de distração. Sim, é verdade. Não se zanguem comigo se sou franco. Vocês não têm força suficiente. Somente d. Purezinha tem algumas qualidades mediúnicas, mas o resto não vale nada. Você, Antonio Olavo, não deve perder tempo em sessões de copo e quejandas ordinárices. Você tem um dom especial que é este de receber-nos pela escrita. Por que, então, submeter-se a essas brincadeiras? Ninguém aqui, exceto o dr. Lobato, leva a sério este assunto. Sim, sim, somente d. Purezinha tem alguma mediunidade, levíssima, mesmo assim é um fracasso completo, e a Marta se submete contrafeita a estas experiências. Como, pois, conseguir algo de eficiente com tão fracos elementos? Você, Antonio Olavo, não torne a perder tempo com isso, ouviu? Desculpe se estou sendo rude. A verdade deve ser dita. Você me trouxe e volto decepcionado... Paciência. Um dia o dr. Lobato encontrará meios de melhor apreender o nosso pensamento. Agora não será possível. Sim, não será possível obter prova alguma através de tão rudimentar e pobre instrumento de comunicações como um copo manejado por médiuns ordinárrimos. Jurandir acaba de dizer que em absoluto não descrê das sessões de copo, levando-as muito mais a sério que qualquer dos presentes e achando-as melhor que todos os outros processos de comunicação. Muito se engana o consagrado pintor de natureza mortal

“O meu tempo é precioso demais (se posso falar em tempo), para que me retenham por mais alguns minutos aqui, de molde a dar-lhe a resposta adequada. Todavia posso afirmar-lhe que se engana redondamente. Se essas sessões de copo são superiores ao que temos feito no Tremembé, através da escrita, então é caso de dizer-se que seus quadros são equivalentes às ordinárrimas reproduções do EU SEI TUDO. Bem. Até outro dia. Agora preciso ir. Recomenda-me a todos e abraços a você e ao Lobato, dos presentes os espíritos mais ligados ao meu. Adeus.

“Hemani.”

Sessão de 24 de julho de 1944

Os mesmos, Lobato no lápis.

Estava presente o Álvaro Natividade. O copo movimentou-se logo. Apesar de nos concentrarmos para que viesse Bentinho, quem apareceu foi o K...

— Viva, amigo K! - disse eu. - Que prazer nos dá com a sua presença! Hoje nós o consideramos o nosso melhor amigo do Espaço, já que tanto nos procura.

— *Bonsoir*. [Boa noite.]

— Da última vez a sessão esteve má. Eu havia perguntado uma coisa e você não pôde responder. Eu havia perguntado como, sendo você francês, responde em português às nossas perguntas...

— Meus sentidos são perfeitos.

— Eu queria ter a explicação desse fenômeno. Será que você nos lê o pensamento antes de o formularmos em nossa língua?

— Nesse ponto sou falho...

— Quer dizer que não pode apreender a coisa... E por que naquele dia não pôde concluir nem a primeira frase?

— Uma enorme perturbação causada entre os presentes não me deixou expandir.

— Muito bem. Eu também havia perguntado sobre o aparecimento do Bernardino Querido. Esse espírito apareceu logo depois de você e disse que havia sido empurrado contra nós pelo irmão Louvain. Conhece então o Querido? É amigo dele?

— Ele achava-se ao meu lado e aconteceu que o fiz também avistar-se com vocês.

— Ótimo! Diga-nos: está vendo tudo quanto há nesta sala? Pode dizer-nos qual o assunto de um dos quadros da parede?

— Por que não?

— Então diga o que representa este quadro maior - e aponte para o retrato a óleo da Joyce, filha do Jurandir.

— *Une petite filie.* (Uma mocinha.)

— Perfeito! E pode dizer-nos que quadro está no cavalete, lá em cima, no atelier do pintor? Lá não há luz acesa.

O copo imobilizou-se, como se o espírito se afastasse por uns momentos. Logo depois escreveu:

— *Pommes et statuette...* (Maçãs e estatueta.)

De fato, o quadro no cavalete, o último que o Jurandir pintou, era de maçãs, tendo atrás a reprodução de uma estatueta de Pedro Alexandrino, escultura do Figueira. Admiramo-nos da precisão e eu fiz um grande elogio à gentileza do K, hoje tão amável, ele que começara tão terrível. O copo escreveu:

— *Merci.* (Obrigado.)

Jurandir estava com a mão fechada. Eu perguntei:

— Pode dizer-nos que é que este moço tem na mão?

— E o copo escreveu:

— *Une cigarette* - e era isso mesmo. (Um cigarro.)

Fiz então uma pergunta desastrada:

— K, amigo K, quer confidenciar-nos mais alguma coisa a respeito daquela conjuração que o levou ao patíbulo?

Parece que K não gosta de ser recordado disso, pois o copo escreveu:

— *Au revoir.* (Até à vista.) — E imobilizou-se.

Todos lamentaram o meu descaso...

Depois de alguns minutos, o copo escreveu:

— Gouveia.

— Que Gouveia? Diga o nome todo.

— Fontenelle.

— De onde era?

— Villar... - e mais não disse. (Devia ser de Vilar de Andorinho - Portugal.)

Em seguida o copo escreveu:

— Moncorvo, nascido exercia o... — Evidentemente a última palavra havia sido mal apanhada e eu disse:

— Moncorvo, a última palavra foi mal escrita. Quer ter a bondade de repeti-la? - E o copo:

— Assim não vai. - E parou.

Mais uma breve espera e o copo escreveu:

— Borrego, nascido no Alentejo.

— Há quanto tempo morreu ou passou?

— Algumas vintenas aí ficaram...

— Lembra-se de quem era o soberano português ao tempo de sua morte?

— Se não me falha o bestunto, dom... e vacilou, como quem se lembra. Depois:

— Já me lembrei. Dom João Quarto.

— E qual a sua profissão no Alentejo?

— Arrieiro. Aquele rapaz lembra intensamente um filho por mim concebido na minha aldeia.

— Que rapaz? Aqui na sala estão dois.

— O sentado sob a lanterna.

Referia-se ao Álvaro, que não estava na roda e sim sentado numa poltrona mais afastada, debaixo de uma lâmpada elétrica em forma de lanterna antiga. Gostamos da identificação.

— Como se chamava seu filho, Borrego?

— Miguel.

— E como nos apareceu você hoje?

— Atraíram-me.

Purezinha esqueceu-se da idade do espírito e me disse para perguntar qualquer coisa do Miguel.

— Que está ele agora fazendo aqui no mundo?

— Ele não era imortal - respondeu o copo, significando que o Miguel, também, já estava do outro lado. Houve mais um breve debate na mesa, e o copo espontaneamente escreveu, referindo-se a mim:

— Você é o único a crer no que vos dito.

Perguntei-lhe qual a vida melhor, a do Além ou a da terra, e o copo escreveu:

— Depende das amarguras de algum de nós. Eu prefiro a do além-túmulo.

— Do que teve mais saudades aqui da terra, depois que morreu?

— Dos entes que me sobreviveram.

— Mas, desses que o sobreviveram, um devia haver de que você tivesse mais saudades. Qual foi?

— Ele cá está, o meu amantíssimo rebento.

— E encontra-se com ele aí?

— Algumas vezes, quando não está em missão.

— Ótimo, Borrego. Não quero importuná-lo mais. Obrigado pelas respostas que nos deu. Agora, por despedida, diga-nos alguma frase sua, espontânea, que nada tenha de sugestão nossa.

E o copo escreveu:

— Não me considerem um animal que os importunou...

Achamos ótimo este fecho, em que o comunicante faz alusão ao seu próprio nome. Borrego quer dizer carneirinho de um ano...

Sessão de 27 de julho de 1944

O copo, depois de alguma espera, começou a mover-se lentissimamente, e com muito esforço escreveu:

— Rollo...

E como não fosse por diante, paramos. Depois da pausa, e de súbito, o copo entrou a mover-se com firmeza e rapidez. Julgamos que viesse o K... mas veio:

— *Rolland the Writer.* (Rolando, o escritor.)

— Que Rolland é esse, amigo? Escritores há muitos e também há muitos Rollands escritores.

A resposta foi desapontante:

— *Your questions are so silly...* (Suas perguntas são tão tolas!)

— Como acha tolas as nossas perguntas, se ainda não fizemos nenhuma?

— *I know you are going to ask me the silliest question about the book some person will get to abash us.* (Eu sei que você irá fazer a mais tola pergunta acerca do livro que alguém terá em mãos para embaraçar-nos.)

Achamos muito interessante isto, porque, antes do copo mover-se, estivéramos a conversar sobre um teste: mandar a Joyce lá para cima, com um livro que ela escolhesse sem nós sabermos; e o espírito devia ler e dizer-nos o nome do livro. Era a isso que a resposta de Rolland se referia, fato indicador de que ele estivera nos ouvindo a conversa antes do copo mover-se.

— Longe de nós a idéia de confundir o irmão Rolland. Pensamos nesse teste porque estamos muito interessados em firmar nossas crenças na vida do Além. Há os que nela creem, e há os que ainda duvidam...

— *Because your wife wishes some proves about our apparition...* (Porque sua esposa deseja algumas provas acerca de nossa aparição...)

— Sim, ela quer convencer-se...

— *She is so little interested in our performance that you like to make*

her believe a little. (Ela está tão pouco interessada em nossa performance que você gostaria de fazê-la acreditar um pouco.)

— Sim, é verdade. Mas vamos tentar a experiência. A menina Joyce vai para cima com o livro e você vai dizer-nos que livro é.

A Joyce subiu e abriu lá o livro. O copo escreveu:

— *Cenecinerest...*

Eu gritei lá para cima: “Qual o nome do livro, Joyce?” - E ela respondeu:

— *Os cruzados.*

Desapontamos e o copo escreveu:

— *I am laughing at you...* (Estou rindo de vocês.)

— Não vejo por quê, Rolland. O caso não é de riso. Nada mais natural que queiramos saber das coisas do Além. Você ri-se, mas provou-nos uma coisa: que não é capaz de sair-se bem do teste que propusemos. Esse era o nosso ponto.

— *Do you think that all people of this side have the same power of perception? (Você pensa que todos deste lado têm o mesmo poder de percepção?)*

— Sei que não é assim. Sei que os espíritos mais desenvolvidos possuem mais força, mais faculdades que os menos desenvolvidos. E se fiz a pergunta foi por imaginar que o irmão pertencesse à primeira categoria.

— *But you got on the wrong field... (Porém você tomou o caminho errado...)*

Neste ponto houve um ‘fecha’ entre Purezinha e Marta e o copo emudeceu.

Sessão de 30 de julho de 1944

Os mesmos.

Tivemos à tarde a casa cheia de parentes: Walter e Álvaro Natividade; Enéas e Alice, e por fim Finoca. A tantas alguém lembrou-se de fazer uma sessão de copo, e com tanta gente na sala a coisa parecia impossível. Todos falavam, levantavam-se celeumas. Uma gritaria, às vezes. Mesmo assim o copo marcou:

— K... — e depois escreveu: — Não se exaltem tanto que a nossa descida se torna difícil.

— Quem está falando? — perguntei. — Será o amigo K ?

E o copo confirmou:

— K...

— Viva! - gritei. - O amigo K é sempre muito bem vindo. É o nosso grande amigo do espaço. Viva! Viva! — e o copo escreveu:

— Viva.

— Escute, amigo K. Na última sessão em que você apareceu eu fiz uma pergunta que talvez tenha sido indiscreta, porque o irmão em vez de a ela responder, disse “ *Au revoir*” e sumiu-se. Acha que fui indiscreto?

— Non.

— Diga-me: quando aparece cá no copo encontra outros espíritos em redor observando?

— *Non.*

— Mas houve aquela vez em que estava presente o irmão Querido, que em seguida se manifestou e disse que "o irmão Louvain o havia empurrado de encontro a nós". E hoje? Não se acha presente algum espírito?

— Sim. *Une jeune fille.* (Uma mocinha.)

— Que curioso!. Veja se lhe obtém o nome, irmão K - e o copo escreveu:

— *Marie Natividade.*

Não me lembrei quem fosse, disse-o, e o copo escreveu:

— *Álvaro la connaît.* (Álvaro a conhece.)

— Oh, é então a Maria, irmã de Álvaro?

— *Oui.* (Sim.)

Fizemos um barulhão. Era a primeira vez que essa parenta, falecida muito moça, se manifestava. O copo escreveu:

— *Elle m'a dit:— Pour quoi Álvaro ne dit quelque chose?* (Ela me disse: - Por que Álvaro não diz alguma coisa?)

Intimei o Álvaro a vir e dizer qualquer coisa à sua irmã. Álvaro veio e perguntou à Maria como estava passando no Além. E o copo passou a ser movido por ela:

— Álvaro, estou alegríssima de ver você.

— E que tem a dizer-nos, Maria? - perguntei.

— Saudades à Bijoca, Helena e todos de lá.

Bijoca e Helena são irmãs de Maria. Perguntei-lhe se não tinha se encontrado com Nicácia, sua mãe, e o copo:

— Não.

— Mas sabe que Nicácia, também, morreu logo depois de você?

— Sim.

— Como sabe?

— Andei por lá e não vi ela. (Ela falava assim, mesmo, acaipirada.)

— Quem mais encontrou por aí?

— Alaíde esteve comigo aqui.

Era a primeira vez que obtínhamos uma referencia à Alaíde; a filha do Enéas, morta de um modo trágico. Perguntei:

— Sente-se bem Alaíde aí? Mais feliz que cá na terra?

— Deve sentir-se.

— Pode dar-lhe um recado nosso; se por acaso ela está aí?

— Não a encontrei mais.

— E que outros parentes viu?

— Só o Guilherme de Purezinha.

— E como o achou?

— Bem.

— Diga-nos qualquer coisa como despedida.

— Saudades para todos.

Foi um sucesso o aparecimento de Maria. Ficamos algum tempo a comentá-lo. Depois o copo escreveu:

— César Varela.

— Muito bem. César. Que tem a dizer à Noêmia? Ela vem cá muitas vezes e nós lhe transmitiremos as suas palavras. - E o copo:

— Diga a Noêmia cuide não deixar acabar dinheiro. Seus negócios são os mais desastrados. A venda da casa foi um desastre. Valia o dobro...

— Sim - disse eu. - Agora valerá. Mas, no tempo em que Noêmia a vendeu, todos foram de parecer que o negócio era bom.

— Sim. Mas nos negócios é preciso haver mais perspicácia.

Finoca, ali presente, ficou incomodada; porque quem fez Noêmia vender a casa foi justamente ela. E isso parece que perturbou a corrente. Várias tentativas do copo falharam; até que o copo escreveu:

— As ondas irradiadas pela irmã sentada no *baloiço* perturbam.

Finoca; que estava numa cadeira de balanço; resolveu retirar-se; ir para casa. E ia saindo quando o copo escreveu:

— Que grande tímida é aquela boba!

— Bem - disse eu. - A perturbadora da corrente já se foi. Podemos conversar mais calmamente agora, não é verdade?

— Sim.

— Então dê-nos o seu nome, irmão. Estou a suspeitar que se trata do bom amigo K...

O copo escreveu:

— Fui, quando entre os seres do planeta, um irmão chamado Serapião.

— Serapião de quê?

— Barrolo.

— De Portugal, com certeza... (Era evidente essa origem pela palavra 'baloíço'...)

— Minho...

— Há quanto tempo nos deixou?

— Minhas contas não combinam com as de você — e mais uma palavra que não apanhamos bem. E foi só. Rompeu-se a corrente.

Sessão de 3 de agosto de 1944

O copo começou com uma frase:

— Quem são os presentes? Que desejam?

Respondi que, antes de mais nada, desejava saber quem se dirigia a nós.

— Osório, quando convivi junto a você.

Lembrei-me de um mulato Osório que fora nosso vigilante no Colégio Coração de Jesus, em Taubaté, e perguntei se não seria ele.

— Jamais o conheci.

— Então como disse que conviveu junto a mim?

— Marquem melhor. Eu disse: vocês...

— Há quanto tempo passou, Osório?

— Ainda me encontro aturdido. Habitava eu em Caxias...

- Do Rio Grande?

- Não. Rio de Janeiro.

Declarei que não havia nenhuma cidade ou localidade com esse nome no Rio de Janeiro etc. e fiz mais perguntas, mas Osório já se havia afastado.¹⁰

Minutos depois o copo escreveu:

Nota da revisão: Lobato não sabia, ou não se lembrava, mas há a cidade de Duque de Caxias no Estado do Rio de Janeiro.

— Onde está aquele irmão necessitado urgentemente de assistência? Quero-o presente.

Contei-lhe que o Walter morava longe, mas que, quando aparecesse, faríamos uma sessão. Depois perguntei como, tendo sido ele francês, entendia-nos em português e respondia-nos, ora numa língua, ora noutra. (Imaginei que fosse o K.)

— Indague esse ponto, com mais minúcia, do seu novo irmão, nas sessões em que você tem ido.

Admirei-me dessa resposta, e indaguei como sabia das minhas idas às

sextas-feiras, à casa do dr. Carlos Cajado, na rua Ouro Branco, às sessões do ‘velhinho’; um sábio persa, e disse mais coisas. O copo escreveu:

— Pelo interesse demonstrado, e também já ouvi referências sobre isso.

— Meu Deus! - exclamei. - Então vocês nos acompanham e sabem de tudo quanto se passa? Ouvem tudo quanto dizemos?

— Quando presentes.

A Joyce estava cabeceando de sono no divã, perto da Marta, e foi a ela que o espírito se referiu, em vez de atender à minha pergunta:

— Levem a irmãzinha para sua cama.

Achamos muita graça e rimo-nos à vontade, e não sei mais a propósito de que o copo escreveu:

— Engraçado, não?

Mais risadas e piadas, e mais perguntas minhas a que ele não atendeu. Apenas disse, com referencia à Marta, que estava de vestido verde:

— A moça de verde é muito sensível.

Apesar de não ter dado o nome, quem outro senão o amigo K?

Sessão de 6 de agosto de 1944, de dia

Antes da sessão da noite houve uma sessãozinha de dia, com Judith e Noêmia. Aqui transcrevo as notas que elas tomaram. O copo escreveu:

— David Williams.

— De onde era?

— *Sudan.*

— Que deseja?

— *Here I am to talk with you.* (Aqui estou eu para falar com vocês.)

— Sente-se feliz aí?

— *I am happy to be here.* (Estou feliz de estar aqui.)

Judith perguntou se ele simpatizava-se com ela e o copo:

— *Why not? Every body must love you.* (Por que não? Todo mundo deve amá-la.)

Depois apareceu o dr. Pedro Brandão, lá de Capivari. Começou dando o nome:

— Pedro Brandão. Como vão os caríssimos amigos?

Noêmia perguntou se ele era um morto ou um vivo.

— Já passei há muitos anos.

Judith perguntou se ele tinha algo a dizer.

— Dona Judith, trate de dar o fora dessa droga de terra e venha para este paraíso comunista. (Foi comunista e até preso por isso.)

Sessão de 6 de agosto de 1944, à noite

Visitas em casa de Jurandir Campos impediram-nos de ter uma boa sessão. Tentei-a cá em casa, com Marta e Purezinha. Mas a corrente se revelou fraca e foi pena. Com muita lentidão o copo escreveu:

— K...

— Kismet Louvain! Bem-vindo seja. Bem sabe como todos o estimamos. Tenho uma pergunta a fazer: por que motivo aparece sempre, em todas as nossas sessõezinhas, e não aparecem tantos amigos e parentes que temos?

— Porque o seu pensamento ao começar estas sessões... (aqui atrapalhamos a anotação de várias palavras.) ...em minha aparição.

— Muito bem. Outra pergunta: Qual a verdadeira causa da mudança operada em você, pois que sempre o havíamos conhecido muito agitado. Mas que houve em minhas palavras que o mudaram, amigo K?

— A bondade com que vocês me recebem e me ouvem.

— Mas será crível, K, que havendo você ‘passado’ há tanto tempo — no reinado de Luís XIV — a primeira vez que se comunicou com alguém aqui da terra fosse conosco?

— Acredite ou não, jamais me havia comunicado.

— Pois, K, não calcula como me sinto feliz com isso, feliz de haver prestado um benefício a um irmão do Além.

— *Mon coeur* (meu coração] - começou K, mas interrompeu o que ia dizendo e exclamou:

— Tenho uma surpresa... - e o copo parou. Depois: - Um vosso amigo denominado Lopes.

Fiz uma festa.

— Já sei quem é: o Manequinho Lopes, velho amigo, sim. E que me manda ele dizer?

O copo para, como faz quando o espírito está falando com outro ou

fazendo-lhe perguntas. Depois escreve:

— Ele envia... Não. Não posso dizer...

— Já sei do que se trata. O Maneco era um terrível boca-suja, e parece que até piorou aí no outro mundo. Juro que o que ele me endereçou foi um palavrão imundo, não é verdade?

— Sim...

A corrente estava muito fraca e a sessão parou aí.

Sessão de 12 de agosto de 1944

Tivemos uma sessãozinha de excepcional valor emotivo. Sem muita demora; o copo escreveu:

— Adamastor Ferraz.

— Português, evidentemente, mas de onde, irmão?

— Inhambane, Moçambique.

— Lembra-se de quando passou, ou faleceu, ou morreu? -Desencarnei em 1868.

— Uma coisa: estará, por acaso, vendo outros espíritos nesta sala, aqui junto a nós?

— Muitos.

— Pode distinguir algum?

— Principalmente uma irmã já idosa.

Ficamos todos assanhados, porque podia ser a mãe de algum dos presentes. Eu perguntei:

— E onde está essa irmã?

— Pegada à irmã vestida de preto e branco. (Purezinha estava com um vestido de ramagens brancas em fundo preto.) O copo continuou:

— Ela parece ter sido muito íntima. Tem os olhos azuis.

D. Brasília, mãe de Purezinha, tinha olhos azuis. Havia pois de ser ela. Pedi ao irmão Ferraz que lhe perguntasse o nome e o copo imobilizou-se, sinal de que o espírito atuante está falando com outro. Depois escreveu:

— Brasília Natividade.

A mãe de Purezinha! Fizemos um barulhão, e eu: — Pergunte- lhe se pode tomar o copo e conversar conosco. - O copo imobilizou-se de novo, e depois escreveu:

— Ainda não tem permissão.

— Que história de permissão é essa, Adamastor? Então há um governo

aí, uma tutelação ou que seja, de modo que até para uma simples conversa conosco é preciso permissão? Permissão de quem?

— Nem nós o sabemos.

— Pergunte à irmã Brasília se não tem desejo de conversar com os seus parentes vivos.

O copo, depois de imobilizar-se, escreveu:

— A vontade sentida por ela de poder comunicar-se é imensa. Mas não o pode ainda.

— Pergunte-lhe se tem alguma coisa a dizer-nos.

— Ela envia grandes saudades para as filhas e filho.

— Pergunte-lhe se sabe que Bentinho [irmão dela], já se comunicou conosco quatro vezes.

— Não.

— E, além de d. Brasília, não há algum outro espírito marcante?

— Uma irmã de cor negra.

Quem seria? Pensamos em Eugênia, a última criada preta de estimação que tivemos e levamos para os Estados Unidos.

— Pergunte-lhe o nome, irmão, pedi — e o copo depois da inevitável paradinha, escreveu:

— Anastácia.

— Fizemos uma festa. Tia Anastácia fora a ama-seca de Edgard, e queridíssima na casa.

— Não poderá Anastácia tomar o copo e conversar conosco?

— Ainda não tem força.

— Diga-lhe, Adamastor, ou pergunte-lhe se sabe que o Edgard morreu o ano passado.

O copo, depois da pausa, respondeu dum modo curioso, repetindo as palavras com que Anastácia respondeu à minha pergunta:

— E o menorzinho também...

Referia-se ao Guilherme, que naquele tempo era o 'menorzinho'.

Confessou, pois, saber da morte dos nossos dois filhos. Contei-lhe, por intermédio de Adamastor, que o Edgard - ou Dagá, como ela dizia, deixara um filhinho, hoje com seis anos. Depois perguntei-lhe se ainda se lembrava do nome do seu marido aqui na terra. E o copo nos transmitiu a sua resposta.

— Esaú.

Muito certo. O preto Esaú era o marido de Anastácia. Ainda tenho o retrato dele guiando a carroça da chácara do meu avô, em Taubaté. Agradei a Adamastor a sua bondosa atuação e pedi-lhe que aparecesse mais vezes — e que nos dissesse uma frase final, ou conselho para fecho da nossa extraordinária sessão.

O copo escreveu:

— Cuidem de suas vidas que já não fazem pouco.

E mais não houve. Por mais que tentássemos, não saiu mais nada.

Fizemos tudo para que aparecesse o K..., mas inutilmente.

Sessão de 13 de agosto de 1944

Hoje, domingo, tivemos novidades interessantes. Ali pelas 4 horas lembramo-nos do copo, para aproveitar a companhia do Walter Natividade, cuja presença o K... reclamou dias atrás. Purezinha e Marta tomaram o copo, e eu o lápis e o papel para a anotação. Sem demora o copo escreveu:

— Uf... finalmente chegou a minha chance...

— É o K... que está falando? - perguntei.

— *Oui.* (Sim.)

— Muito bem. Já estávamos sentindo a sua ausência, e eu ansioso pela retificação d'uma sua frase que tomei mal em nosso último encontro. Aqui tenho ela — e tirei do bolso as minhas notas da sessão do dia 6. Quando eu perguntei por que o amigo K aparecia tantas vezes, e não outros que invocávamos, você respondeu: Porque seu pensamento, ao começar estas sessões... em minha aparição.

As palavras do meio eu as perdi. Pode restabelecer essa frase, ou dizer com outras palavras o que disse?

— O subconsciente dos irmãos está sempre absorvido na minha presença.

— Muito bem. Obrigado. Hoje temos aqui aquele rapaz, Walter, cuja presença você reclamou. Continua a notar que necessita de assistência espiritual?

— E como!

— Quer dizer que está tomado de maus espíritos?

— Repleto.

— Pode ver isso?

— Sim.

— E não pode indicar-lhe o meio pratico de curar-se?

— Vai ser um pouco demorado. Ele precisa chegar-se a irmãos que

estejam estritamente ligados ao estudo da matéria.

— Aqui em S. Paulo há uma ‘federação espírita’ onde tratam desses casos. Acha que ele deve frequentar a federação?

— Sim, se lá tratarem de fato do estudo que os preocupa.

E o nosso querido K... abandonou o copo. Fiz-lhe várias perguntas, na esperança de que voltasse, mas inutilmente.

Depois de alguma espera, o copo escreveu:

— Juventino Possidônio.

— De onde era?

— Conchas. Bem-aventurados sejam os irmãos.

— Escute, não percebe aqui na sala outros espíritos interessados em nossa sessão ou simplesmente presentes?

— Sinto a presença de um agarrado ao ombro do irmão mais moço.

Referia-se ao Walter.

— E que acha, Possidônio? Trata-se de um bom ou de um mau espírito?

— Deve ser um mau elemento...

Nesse ponto entraram a Ruth, a Sarah Maierovich e a Maia Pinsardi, amiguinha da Joyce Campos, e o copo, com muito pouca força, escreveu:

— Esther Maierorlei Boitza Leibnitz.

— Que nacionalidade, irmã?

— Judaica.

— De que cidade ou país?

— Smirna.

— Diga alguma coisa.

— Gunther Liebling.

— De onde?

— Essen.

Tudo muito atrapalhado. A Sarah falou ao espírito em alemão. A força

era mínima. O copo ainda escreveu isto, salvo erros de anotação:

— EstherMutterHorowitz. SonnWasser Gunther Liebling...

Desistimos.

Neste ponto travou-se uma discussão, e alguém acusou Sarah de estar, com seus fluidos e suas ironias, perturbando a sessão. E o copo escreveu:

— *You must go to hell* (Você precisa ir para o inferno!)

— Quem ir para o inferno, irmão? - perguntei.

— *The blond girl*. [A moça loira.]

Evidentemente a Sarah, única loura da roda. Eu perguntei, apontando para ela:

— Esta? Por quê, irmão?

— *She looks like it*. (Ela parece o inferno.)

— E que acha da outra que está de blusa azul lá naquela poltrona? - perguntei-lhe indicando a Ruth, que nunca toma parte no trabalho.

— *Lovely*. (Encantadora.)

— Por quê?

— *Because I like candid-girls*. (Porque eu gosto de moças cândidas.)

Houve gritaria e palmas a Ruth pela vitória. E eu perguntei, de brincadeira:

— Acha que a *hell-girl* prejudica com a sua companhia a *candid-girl*

— *A little hit...* [Um pouquinho.]

— Você esqueceu-se de dar o seu nome, irmão.

— *Jordan speaking*. (Jordan falando.)

— E que acha deste rapaz aqui? - perguntei mostrando o Walter.

— *Not bad at all*. (Não é mau de todo.)

— Não percebe qualquer coisa ‘encostada’ aqui? - e bati no ombro esquerdo do Walter, que estava do meu lado - e o copo escreveu:

— *You showed the wrong shoulder*. (Você mostrou o ombro errado.)

— Então a ‘coisa’ está aqui? - e bati no ombro direito do Walter.

— *Yes.* (Sim.)

— Que é que você vê aí?

— *A had looking fellow.* (Um camarada de má aparência.)

— Obrigado. Diga-me agora: que é que o atraiu hoje para o nosso grupo?

— *The nice looking girl sitting in the armchair looks strikingly like my young fiancée.* (A bonita moça sentada na poltrona, parece-se extraordinariamente com minha jovem noiva.)

Como a Ruth (minha filha) e a Maia estavam sentadas em poltronas, perguntei qual das duas, a de blusa azul ou a de cabelos compridos (Maia):

— *Long hair.* (Cabelos compridos.)

— Sua noiva já morreu?

— *No.* (Não.)

— Onde vive?

— *In the States.* (Nos Estados Unidos.)

— Em que cidade?

— *New Hampshire.*

— Há quanto tempo você morreu? — perguntou Sarah.

— *About eight years.* (Cerca de oito anos.)

— E como se chamava sua noiva?

— Lilian Usher.

— De que morreu você?

— *High Fever.* (Febre alta.)

— Mas o que o fez vir a nós hoje?

— *The striking appearance of the lovely jeune filie.* (A surpreendente semelhança da encantadora jovencinha.)

— E por acaso já sabe o nome dela?

— Maia...

Sarah perguntou:

— Sente-se feliz aí onde está?

O copo cavalheirescamente respondeu:

— *If you should be here I might be more happy.* (Se você estivesse aqui eu podia ser mais feliz.)

Rimo-nos do cumprimento e eu disse:

— Dia virá em que a terá aí, Jordan. Todos temos a nossa vez. E o copo:

— *Nothing lasts.* (Nada perdura.)

Sessão de 20 de agosto de 1944

Purezinha e Marta no copo. Noêmia presente.

Depois de alguma espera, que já nos ia desanimando, o copo marcou a letra K.

— Bem-vindo seja, amigo K! Já estávamos com saudades. Tonto muita coisa a perguntar hoje, e a primeira é a seguinte: ando a assistir às sessões de um espírito curador, que chamamos “o velhinho” — porque não quis dar o nome. Ele examina os doentes e diz que vê todos os órgãos do corpo humano, como se esse corpo fosse de vidro. Quero saber se todos os espíritos possuem essa faculdade ou só uma certa categoria de espírito?

O copo escreveu:

— Suponho que nem todos possuem essa propriedade.

— Você, por exemplo. Vê ou não vê através de nossos corpos?

— Ainda não me aperfeiçoei nessa matéria.

— Muito bem. Agora outra coisa. Eu tenho um amigo em Belo Horizonte que colou uma frase atrás do espelho de seu quarto de dormir, uma frase que desconhece e, portanto, não pode transmitir telepaticamente. Pergunto: tem você o poder de ir lá, ler a frase e depois no-la dar aqui no copo?

Em vez de atender a essa pergunta, o amigo Kismet perguntou, referindo-se ao Walter Natividade, por quem anda muito interessado:

— Aquele rapaz já tomou alguma providência?

— Já sim, amigo Kismet. Deve amanhã à noite comparecer na sede da federação espírita, onde há sessões próprias para atender a casos como o dele.

O copo escreveu:

— *Très bien.* (Muito bem.)

— E eu, como parente do rapaz, muito agradeço a você a boa intervenção. Mais dois espíritos, que nos falaram por meio deste copo,

confirmaram o que você disse, isto é, que o rapaz está com ‘encosto’, ou parasitado por maus espíritos. Grande benefício você nos prestou com essa denúncia.

— *Merci.* (Obrigado.)

— Bem. Agora responda-me à pergunta anterior sobre o caso de Belo Horizonte. Pode ir lá e ler a frase?

O copo escreveu:

— Hoje não.

— Pode ir outro dia?

— Não, só se me fizesse aparecer em alguma sessão no próprio local.

— E aqui nesta sala? Pode ler a frase que a Noêmia apontar ao acaso, no livro que tem na mão, sem a ler?

— Ela necessitaria tomar contato com minha força.

Imaginei que para isso bastaria Noêmia também colocar o dedo no copo e pedi-lhe que o fizesse. Nesse momento, porém, o copo ficou de pé sobre uma beiradinha e Marta gritou:

— Olhe como está o copo!

E Purezinha disse qualquer coisa, e eu falei, e houve um dos clássicos ‘fechas’ que tantas vezes nos tem perturbado as sessões. Todos falavam e gritavam, e um acusava o outro - e parece que isso ‘cortou a corrente’, pois o copo imobilizou-se. Chamei pelo Kismet várias vezes, sem resultado. Aquela celeuma nos impediu de obter uma bela demonstração.

Depois de uma pausa de minutos, voltamos a insistir, e o copo escreveu:

— Gutierres Fortunato.

— De onde era, irmão?

— Salamanca.

— Há quanto tempo desencarnou?

— *Hace muchos anos.* (Há muitos anos.)

— Em que reinado?

— Izabel.

— Que Izabel? A esposa de Fernando? Oh, então você foi contemporâneo de Colombo, o descobridor da América. Por acaso lembra-se desses fatos?

— *Supe de todos los acontecimientos de la época.* (Soube de todos os acontecimentos da época.)

— E lembra-se do porto de onde partiu a esquadra de Colombo? Creio que foi do porto de Palas.

— *Palos.*

Gostamos muito desta resposta. Ninguém ali sabia mais o nome do porto, e eu dera-o errado. A correção foi ótima. Depois perguntei:

— Escute: não está vendo aqui em redor de nós algum espírito?

— *Si. Um viejo.* (Sim, um velho.)

— Pergunte-lhe quem é.

O copo parou de mover-se, como faz sempre que o espírito atuante fala com outro. Depois escreveu:

— *Me dijo una palabra muy sucia.* (Disse-me uma palavra muito suja.)

— Que jeito tem esse velho de boca suja?

— *Tiene una barba larga y blanca. Usted lo conoció, me dijo.* (Tem uma barba longa e branca. Você o conheceu, me disse.)

— Sim, está claro que conheci e fui muito amigo de Maneco Lopes, o Boca Suja, e muito me admiro de que mesmo aí no Além continue porco de língua como o foi em vida. Pergunte-lhe o nome.

E o copo, depois da paradinha:

— *Manoel. Si.*

Comentamos aquilo - aquela mania de Maneco de andar sempre com palavras sujas na boca. Depois perguntei se ainda estava ali.

— *Estuvo. Ahora no.* (Esteve agora não.)

— Escute, Fortunato: você apareceu muitas vezes, isto é, comunica-se muitas vezes com os encarnados? Ou é a primeira?

— *La primera.* (A primeira.)

— Pois isso me assombra. Não compreendo que um desencarnado de já tanto tempo - do tempo de Isabel — fique assim anos e anos, séculos, sem comunicar-se conosco.

O copo escreveu:

— *Assombrado estoy yo.* (Assombrado estou eu.)

— E como apareceu hoje? Que o influenciou a vir falar conosco?

— *Una força muy súbita me atrayó para ustedes.* (Uma força repentina me atraiu para vocês.)

— E onde estava, em que parte do espaço, quando sentiu essa atração?

— *Como lo saber?* (Como saber?)

— Estava perto ou longe?

A resposta não atendeu bem à pergunta.

— *És laprimera vez que los percebo.* (É a primeira vez que os percebo.)

E foi só. Por mais que nos esforçássemos, nada conseguimos durante o resto da sessão.

Depois disto escrito, Purezinha leu e observou que a resposta final está certa. Disse que quando eu fiz aquela pergunta ela formulou outra que me escapou à atenção. Essa pergunta foi: “Indague dele se estava aqui por perto, aqui no meio da gente”. Uma pergunta mal formulada, mas que justifica a resposta final de Fortunato.

Sessão de 25 de agosto de 1944

Nossas sessõezinhas estão falhando muito. Ficamos ali diante do copo meio hora, às vezes, até uma hora e meia e nada. Isso nos está aborrecendo e em mim matando o interesse. Hoje, por exemplo. Quase desistimos. Por fim o copo moveu-se, mas com grande fraqueza. Apareceu o K. Fiz-lhe a amável recepção do costume e referi-me à súbita interrupção do seu aparecimento na sessão anterior e à falta de força. E ele:

— *Votre...* ma... irmã está com pouca força.

— Qual das duas está com pouca força, K?

— Madame de preto. (Purezinha.J

— Por que isso, K? Por que está ela sem força?

— Necessita desenvolver-se. É mínima a sua mediunidade.

— Mas mesmo assim temos feito alguma coisa, K Vamos indo...

— A força conjugada de ambas permite uma fraca demonstração.

Fiz mais uma pergunta, mas nesse momento Walter, que estava na sala, aproximou-se da mesinha; e o K, em vez de atender à minha pergunta, escreveu, evidentemente, referindo-se a ele:

— Está se interessando?

Perguntei se estava vendo algum espírito por ali. E o copo:

— N...

Nada mais, por mais que insistíssemos. Depois de uma boa pausa retomamos o copo, o qual escreveu:

— Que desejam?

— Saber quem está falando — respondi. E o copo:

— Nabor Fradique.

E nada mais.

Nova pausa e nova insistência nossa. Súbito o copo se põe a mover e escreve:

— Meus amantíssimos irmãos, as amargas lágrimas, sempre derramadas quando algum ser desse mundo habitado por vós se desencarna, são uma grande barreira para o pleno desenvolvimento dos que passam os umbrais do mundo material.

— Quem é que está falando? — perguntei. E o copo:

— KL.

Ficamos na dúvida. Esse sermão, no estilo choroso de quase todos os sermões espíritas publicados no *Semeador* e outros jornais não nos deu ideia do amigo K, sempre tão alerta e interessante. Purezinha duvida que isso seja do K. De outra vez que ele aparecer, hei de tirar o ponto a limpo.

Sessão de 27 de agosto de 1944

Tivemos uma sessãozinha bem interessante. A primeira manifestação do copo deu isto:

— *Bon soir, mes amis.* (Boa noite, meus amigos.)

— Já sei que é o K, e foi ótimo que viesse. Tenho coisa a perguntar...

— *Avec moi viennent deux amis.* (Comigo vêm dois amigos.)

— Bem-vindos sejam. Estou curiosíssimo. Quem são eles?

— Adalgiso Pereira *et* Pedro Brandão. (O Pedrão químico - Pedro Batista de Andrade.)

Fiquei satisfeítíssimo, pois de muito tempo vinha desejando ter uma prosa com ambos; e pedi ao K que, depois de falar, ‘passasse o copo’ a eles. E perguntei:

— K, estamos numa dúvida. Na última sessão havida, apareceu um trololó sermonário assinado K que não corresponde ao estilo do nosso querido K. Ficamos na dúvida, e Purezinha não crê que seja coisa sua. Às vezes aparecem espíritos mistificadores. Começava assim: — Meus amantíssimos irmãos - e li toda a xaropada. Diga-me: é coisa sua ou não?

O copo escreveu:

— *Non.*

— Ótimo! Bem que estávamos duvidando. Quero fazer umas tantas perguntas...

— *Vite. Votre deux amis...* (Depressa. Seus dois amigos.) Evidentemente K havia passado o copo a esses dois amigos, porque veio uma saudação:

— Alô, Lobato!

— Quem fala? Aposto que é o Adalgiso...

— Sim.

Passei um trote no Adalgiso. Por que não aparecia mais vezes, sabendo que gostamos tanto dele?

— Ninguém se lembrou da minha aparição.

— Diga-me depressa: é então verdade que não morremos? Isso custamos a crer, apesar de todas estas demonstrações com o copo. Então é fato que não morremos?

— Não estou eu aqui?

— Parece. Escute: conhecia você K ou o encontro foi ocasional?

— Somos companheiros.

— Se são companheiros, você deve saber a sua história. Sabe?

— Sim.

— Conte-me, então, como foi que ele morreu na França de Luís XIV.

— Decapitado.

Entusiasmei-me com a resposta e perguntei:

— Que idade tinha ele quando foi decapitado? Era moço?

— Sim.

— E como é o seu tipo?

— Moço louro.

— Por falar em 'moço louro': lembra-se do autor daquele romance, *O moço louro*?

— Macedo.

— Isso mesmo. Mas com qual dos nossos amigos daquele tempo se parece esse moço?

— Cesarino, porém mais louro.

Cesarino era um irmão de Purezinha, que morava vizinho de Adalgiso, quando este esteve como pensionista da família Guimarães, na rua Formosa. Perguntei-lhe:

— Como os espíritos se veem uns aos outros? Sob a mesma forma que tinham quando encarnados?

O copo começou a escrever, mas parou:

— Se...

A força esgotou-se. Parece-me que nesse caso aqui, de Purezinha e Marta, a força é como a dos acumuladores elétricos, não como das baterias elétricas. Esgotada a pequena força acumulada, o copo imobiliza-se.

Sessão de 3 de setembro de 1944

Os mesmos.

Temos tido muitos insucessos - sessões em que o copo não faz o menor movimento. Hoje, porém, deu alguma coisa. Não demorou a parecer o K. Reconhecemo-lo pela saudação:

— *Bonsoir, mes amis.* (Boa noite, meus amigos.)

— Boa noite, K. Ando com uma pergunta a fazer. Na sessão de 14 de julho você apareceu. Em seguida apareceu um alemão que não deu nada, e depois houve uma atrapalhão e saiu o nome de Bernardino Querido, um velho poeta de Taubaté, que eu supunha morto. E esse Querido disse que havia sido empurrado de encontro a nós pelo irmão Louvain, e falou a seu respeito, como está em meus apontamentos. Mas agora li num jornal de Taubaté que Bernardino Querido não morreu. Fez anos há dias e foi festejado. Como explica este fato, K? Teríamos sido vítimas de uma mistificação?

— *Je ne sais pas.* (Eu não sei.)

— Mas que sugere?

— Existem, de fato, alguns elementos brincalhões.

— Está vendo algum espírito por aqui?

— Só um.

— Pergunte-lhe como se chama.

Depois de uma paradinha, o copo escreveu.

— Zoroastro Moura.

— Não conheço. Pergunte-lhe se quer falar pelo copo.

— Ele zomba dos amigos.

— Pois se zomba de nós, nós fazemos o mesmo dele. Não vejo aqui matéria para zombaria. Trata-se, com certeza, de um tolo, que tolo foi cá na terra e tolo continua no éter.

— Ele foi um perverso.

— Pois não nos interessa. Continua aqui?

— Ri à beça.

— Não se rirá mais do que me rio dele. Mas, voltando a assunto mais interessante: da última vez que você veio, trouxe dois amigos meus, Adalgiso Pereira e Pedro Brandão. Por que os trouxe?

— Eles insistiram em falar através deste extraordinário método.

— Acha extraordinário que, com um copo, nos comuniquemos com o Além?

— Por que não?

— -Diga-me: onde estava você quando sentiu a nossa atração?

— Vagando pelo éter.

— A atração é limitada ou ilimitada? Para o rádio aqui entre nós a distância não existe. E aí para vocês?

— É sem limites.

— Percebe alguma mediunidade na Noêmia, esta de preto? - e indiquei a irmã de Purezinha, que estava presente.

- Uma tênue luz evolva-se da irmã que, habitualmente, exerce a função mediúnica nestas experiências. As outras estão apagadas. A irmã deve aperfeiçoar-se. Insisto no pedido.

- Como?

- Procurando os melhores eruditos na matéria.

- Escute: perguntei ao Adalgiso como você era e ele respondeu que era moço, corado, de cabelos louros.

— E principalmente bem baixo.

— Que idade tinha quando foi decapitado?

— Uns vinte e cinco anos.

Fiz uma pergunta qualquer, mas, em vez de resposta, K escreveu:

— Alô!

Era uma saudação ao Walter que entrara nesse momento. E K continuou:

— Foi procurar os meios?

Walter respondeu que sim, que estivera segunda-feira na federação espírita e já se sentia melhor. Perguntei ao K se ainda via o 'encosto' do Walter. E ele respondeu:

— Rindo-se alvarmente — e parece que aí houve qualquer coisa entre os dois espíritos, porque o copo começou a 'reinar', a equilibrar-se inclinado, visivelmente perturbado. Paramos.

Nova tentativa. Nada. Súbito, o copo se põe a brincar — coisa muito interessante. Fazia piruetas, movimentos sem sentido e sempre fora da vertical.

— Evidentemente está no copo um espírito perturbador. Por que não vai passear e não nos deixa sossegados? Diga ao menos quem é — e o copo escreveu:

— Burro.

— Burro de quê, irmão? Burro de Souza? Burro de Almeida? lindo nome tem, mas qual é o seu sobrenome?

— Você. Burro é você.

— Muito obrigado. De um espírito inferior nada há a esperar. Você devia ter sido um cretino aqui na terra, e como não continuar a mesma coisa aí? E que desinteressante... Como é sem graça...

Purezinha e as outras presentes disseram qualquer coisa, e o copo, que não parava com as piruetas e extravagâncias, escreveu:

— Bruacas...

Continuei a dizer a esse espírito coisas desagradáveis, para irritá-lo e ver o que fazia. O copo escreveu:

— M...

As damas scandalizaram-se. Houve gritaria. E o copo:

— Put...

Largamos.

Quando um espírito capadócio aparece, a sessão está perdida. Não sai mais. Fica ali como uma sarna a dizer bobagens e desaforos. Isso passou muito tempo sem acontecer - mas aconteceu hoje...

Sessão de 10 de setembro de 1944

O Walter veio à tarde e nos contou que já compareceu duas segundas-feiras à federação espírita para o tal tratamento do 'encosto'. Descreveu o que sentiu na última: uma expansão geral do corpo como se estivesse a transformar-se num imenso gigante: depois perdeu a consciência; quando voltou a si, estava de bruços sobre a mesa. Disse ainda que nessa noite dormiu admiravelmente, ele que andava perseguido pela mais atroz insônia. Lembramo-nos de fazer uma sessãozinha, na esperança de que aparecesse o K. Daríamos conta do ocorrido com o 'seu doente' e indagaríamos se ainda via o 'encosto', ou 'o sátiro que anda montado nele', como diz a Joyce. Arrumada a mesinha, sem muita demora o copo escreveu:

— Eis os irmãos como sempre reunidos.

Para verificar se era o K, perguntei-lhe se reconhecia 'aquele moço' e indiquei o Walter.

— Sim — foi a resposta.

Contei-lhe das idas do Walter à federação e do que houve como início de tratamento. E o copo:

— Serão verdadeiros neste assunto transcendental?

O K, como francês que foi, fala um português 'matado'. Respondi que o pessoal da federação era hábil, já havendo operado muitas curas. E o copo:

— Ainda demorará.

— Pode dizer se o Walter ainda está com o 'encosto'?

— Sim.

— Pergunte ao 'sátiro' quando pretende abandonar o rapaz.

— O mesmo diz que custará. Mas o irmão deverá seguir a mesma conduta. (Isto é, o tratamento.)

Perguntei se não havia algum espírito presente - e o copo:

— Próximo ao irmão está um irmão moreno, bonito. Pergunta de que doença passou o seu irmão na terra.

Não podia ser outro senão o Guilherme, referindo-se ao Edgard.

— Pergunte-lhe, K, quem está falando?

— Guilherme.

Movimento de curiosidade na roda. O Guilherme é raro. Conteí que o Edgard também morrera de tuberculose, e depois:

— Então o Guilherme não esteve aí com o Edgard?

O copo estacionou - sinal que o K estava fazendo a pergunta; e depois moveu-se e escreveu:

— Sim. Mas não se falaram, pois estão em diferentes planos.

— Guilherme está em plano superior ou inferior?

— Superior, pois passou há mais tempo.

— Pergunte-lhe por que não se comunica conosco mais frequentemente?

O copo estacionou e depois respondeu:

— Nos primeiros tempos ele insistia em comunicar-se, mas os irmãos não o atenderam.

Nada mais certo! Purezinha não suportava a ideia de falar com o filho morto e resistia - evitava encontros.

— Sim, lembro-me que um dia ele apareceu a uma senhora Junqueira, na Lapa, e pediu que me chamassem. Fui à sessão da semana seguinte e eu mesmo tomei nota da mensagem do Guilherme, transmitida por essa médium. Também no Moacir (espírita da Lapa], que tratara do Guilherme, fui informado de que ele aparecera.

— Ele procurou todos os meios.

— E está bem aí? Melhor que aqui?

— Sim.

— Pergunte-lhe se pode aparecer todos os dias?

— *Non*.

— Por quê?

— Limitado o prazo concedido.

— E por que não nos fala, hoje, diretamente?

— Não pode.

O copo estacionou, como se K estivesse atendendo algo que o Guilherme lhe dizia. Depois:

— Alaíde esteve com ele.

Alaíde, irmã do Walter, morreu d'um modo misterioso, meses depois do casamento (três ou quatro). Surgiram hipóteses, mas ninguém soube ao certo a razão de sua morte. Era evidentemente aborto - mas por que abortara?

— Pergunte ao Guilherme se sabe por que motivo Alaíde morreu ou matou-se.

O copo, depois de imobilizar-se, escreveu:

— Horrorizada com os irmãos, não desejava filhos, procurando um meio de extirpar o feto já latente.

Estava afinal esclarecido o misterioso caso! Os dois irmãos de Alaíde davam tantos desgostos aos pais, que ela teve medo de por no mundo 'mais um' - e tomou adalina para abortar. A dose foi excessiva. Fê-la dormir para sempre.

Depois de muito comentarmos o caso, prosseguimos. Perguntei quem mais havia o Guilherme encontrado lá.

— Maria de Nicácia.

Isso concordava com o que Maria nos disse, quando apareceu em sessão do mês passado — “que tinha estado com o Guilherme de Purezinha”.

— E quem mais viu?

— Margarida de Tônico. Com a mesma doença maldita. (Tuberculose.)

Margarida, mulher do nosso primo Tônico, faleceu este ano, também de tuberculose. Guilherme fora muito amigo deles aqui na Terra.

Perguntei quem o recebeu, ou quem ele viu aí primeiro, logo que passou:

— Maria de Nicácia.

— E quem mais?

— Menezes (Bezerra de Menezes, “o medico do espaço”, que o havia tratado, nas últimas semanas, por intermédio do Moacir, na Lapa.)

— Diga-lhe que em comunicação anterior eu fiz a mesma pergunta e a resposta foi diferente; ele citou outro nome. Seria uma mistificação?

— Eram tantos.

— Pergunte-lhe que nomes pode citar entre esses “tantos”.

— Não prestou atenção, pois sentia-se como uma crisálida.

Achamos muito boa a imagem. A sensação de quem acorda na outra vida deve ser a da borboleta ao sair do casulo. Perguntei se podia dar os nossos nomes - e depois da inevitável paradinha o copo escreveu:

— Walter, Juranda, mamãe, Marta e papai.

Achamos muito interessante o ‘Juranda’, em vez de ‘Jurandir’. Era assim que ele e o Edgard tratavam o Jurandir Campos.

Perguntei-lhe depois se acompanhava o desenvolvimento da guerra e se lembrava do seu partidarismo por Mussolini. Purezinha estrilou a essa pergunta, tá, tá, tá, tá... Veio o ‘fecha’ e quebrou-se a corrente. Nada mais conseguimos.

Acho esta sessão uma das melhores. A personalidade do Guilherme está indiscutível.

Sessão de 19 de setembro de 1944

Os mesmos.

O nosso conjunto receptor anda com qualquer defeito. Não só falham muitas tentativas de sessões como, quando não falham, é como se falhassem; obtemos muito pouco. Por muito favor aparece o K. Na sessão de hoje levamos cinco minutos, ou mais, sem movimento nenhum do copo. Pus-me a queixar e a excogitar sobre o porquê dos fracassos. Como Purezinha anda há mais de mês com reumatismo num braço, sugeri a hipótese desse reumatismo estar prejudicando a sua já tão fraca mediunidade. E estava eu nisso, a racionalizar, quando o copo entrou a mover-se, lentíssimamente. Por fim escreveu:

— Qualquer perturbação nos está ocasionando graves vacilações nas comunicações.

Achei interessante a frase, pois vinha atender à nossa conversa. "Há de ser o K", exclamei. "Só ele aparece e só ele se interessa pelas nossas experiências" e perguntei-lhe se havia alguma base na minha hipótese do reumatismo de Purezinha a deprimir a sua já escassa mediunidade. E o copo respondeu:

— Talvez.

— E não tem meios, K, de tirar a limpo esse ponto? Que é que nos prejudica?

— Algo no organismo da dirigente destas sessões.

— A quem se refere? A quem chama "dirigente"? Purezinha?

— *Oui.* (Sim.)

Ele gosta de dizer o 'sim' em francês. Mudei de assunto. Perguntei-lhe se acompanhava o drama da guerra na Europa, onde o grupo das nações aliadas cercava e atacava a Alemanha de Hitler. O copo respondeu:

- Sinto-me afast...

A força não deu para mais, e foi pena. Mas esse começo de frase parece indicar que ele se sente tão afastado da vida deste planeta que nem a guerra

o interessa. Em outra sessão hei de insistir no assunto.

Sessão de 24 de setembro de 1944

Há muitos dias que não fazemos nada, por causa do reumatismo de Purezinha. Hoje fomos experimentar e deu uma comunicação curtinha, mas interessante. O copo escreveu:

— Maotti, Maotti é o meu nome.

Achei esquisito e insisti no nome e o copo:

— Maotti.

— De que raça?

— Italiano.

— Há quanto tempo morreu?

— Há pouco.

— Isso é muito vago. Dê uma indicação, mais ou menos.

— Nesta matança.

Ficamos emocionados. Era a primeira vez que nos aparecia uma vítima da guerra em andamento. Perguntei onde morrera. Resposta:

— Spezzia.

— Em batalha ou bombardeio aéreo? Como morreu?

— Varado por um estilhaço de granada.

— E qual foi, irmão, a sua primeira sensação aí do outro lado?

— A princípio não senti a minha mudança.

— E depois que começou a perceber o ocorrido? Quem o recebeu?

— Seres estranhos auxiliaram-me no meu novo estado.

— Esses seres tinham a mesma forma ou aparência dos vivos?

— Sim, mas não como os compreendemos na terra.

— E reconheceu entre eles parentes? Distinguiu conhecidos?

— Muitos.

— Lembra-se de alguns?

— Os mais amigos?

Nesse ponto o copo entrou a equilibrar-se inclinado, como já tem acontecido várias vezes. Depois parou - e nada mais conseguimos.

Sessão de 27 de setembro de 1944

Entrou o Walter e pôs-se a contar o sucedido lá na federação espírita. Caíra em transe. Um formigamento, uma eletricidade; fora perdendo o sentido... Quando acordou estava de braços sobre a mesa. Alguém disse:

— Que português bonito você falou!

Ele não entendeu. Enquanto ouvíamos as impressões do Walter, Purezinha e Marta mantinham os dedos no copo. Súbito, este começou a mover-se e escreveu:

— O atuado ainda poderá vir a ser um grande médium.

Era o K, evidentemente. Pelo modo de abordar um assunto já reconhecemos. Mas perguntei:

— É o K?

— Sim.

— Está vendo algum espírito por aqui?

— Não.

— Acha que as idas do Walter às sessões da federação espírita lhe tem feito bem?

— Parece que sim.

— E que deve ele fazer para sarar?

— Deve enfronhar-se a fundo na sua cura.

— Está vendo algum espírito encostado nele?

— Hoje não.

Depois falei da guerra. Perguntei se sabia da catástrofe e que vantagem eles no Além viam na guerra. Podemos aceitar a guerra?

— Sim, mas como meio de evolução.

— Que lei é essa? Como surgiu essa lei? - Perguntei, e perguntei mais coisas que não me ocorrem agora. O copo respondeu:

— A lei é imutável.

— Alguém a dita ou impõe?

— Só a percebemos.

— E aí, na opinião do Além, quem vai ganhar a guerra?

— O mais poderoso.

— Essa resposta é lógica, mas não me atende ao caso. Pergunto se vão ganhá-la os alemães ou os aliados.

— Devem ser os aliados.

— E ainda está muito longe o fim?

— Os acontecimentos se precipitam velozmente.

— Segundo os cálculos, aí do Além, quantos meses ainda poderá durar a guerra?

— Os nossos cálculos ainda dão para três meses.

Perguntei mais coisas, inutilmente. K já se havia afastado.

Sessão de 1º de outubro de 1944

Ontem, domingo, estivemos em casa do Jurandir Campos a comentar a decadência das nossas sessõezinhas. Não só andam a falhar muito, como pouca coisa nova aparece. Vem o K, e some-se logo. Será o reumatismo do braço da Purezinha? Noêmia estava presente.

Depois de debater esses pontos, com Purezinha e Marta de mãos sobre o copo, substituí Marta por Noêmia, para ver se tinha alguma mediunidade - e acertei. O copo entrou a mover-se, escrevendo:

— A pluma gasta habitualmente... (aqui houve atrapalhão e as letras que anotei não deram sentido “Bigohijtop”.) ... usando-a em grandes ditados. A mediunidade se evola sem o preparo construtivo. A irmã principia a limitar-se.

Era, evidentemente, o K que estivera a ouvir a nossa conversa e dava opinião sobre o enfraquecimento da mediunidade de Purezinha. Achei curiosa a menção da “pluma”. No tempo do K, não havia as penas de aço de hoje; eram penas de aves, ou plumas - e daí veio a palavra ‘plumitivo’, escritor, manejador da pena ou pluma. Além do mais, em francês o nome é *plume*.

— O reumatismo tem alguma coisa com isso?

— Sim. E o copo estacionou.

Numa segunda tentativa, sempre com Noêmia no copo, percebemos um esforço para a articulação de palavras. Anotei as letras V G A L Z I A E Q H...

Não dava sentido; as letras não eram marcadas com precisão, tanto podendo ser uma como outra; mas Noêmia sentiu a presença de Alzira Varela, sua cunhada. E, fazendo mais uma tentativa, obtivemos o seguinte:

— Zi Varela.

Noêmia contou que era esse o apelido familiar de Alzira. Perguntei se havia encontrado com Guaíba, seu pai, e Nhazinha, sua mãe.

— Sim - foi a resposta.

— Encontrou-se, também, com César?

— Sim.

— Lembra-se do nome de sua avó? — perguntei, mas Zi não me atendeu e disse:

— Nhazinha abençoa Noêmia.

Noêmia fora de extrema dedicação na doença da sogra, o que explica o interesse de Zi em manifestar a gratidão de Nhazinha. Perguntei se era mais feliz no Além do que o fora na terra.

— Sim — e depois, como que se voltando para a cunhada —, Noêmia, meu gênio era muito irascível.

Realmente. Alzira tinha fama em nossa família. “Esquisitíssima”. Declarando isso, ela justificava-se dos seus maus modos para com a cunhada em vida.

— Quem recebeu você aí, Alzira, quando morreu?

— Mamãe.

— E quem recebeu César?

— Eu.

— Quem recebeu Gioconda?

— Não sei.

Esta pergunta fora uma inadvertência, porque Gioconda, a irmãzinha de Alzira, morrera antes dela.

— Está reconhecendo a senhora de vestido preto e branco que está com Noêmia no copo?

— Purezinha.

— E eu? Lembra-se de mim, Alzira?

— Zé Bento (era assim que todos me chamavam na família] e Juca.

— De que você morreu, Alzira?

— Câncer.

Exato. Perguntei:

— Aqui você sofreu muito e foi infeliz, Alzira; mas aí, como de fato se sente?

— Felicíssima.

— E que é que faz no Além?

— Vagueio por onde desejo.

— As relações que mantêm com seus pais e irmãos soa da mesma natureza que aqui na terra?

— Pelo pensamento.

Noêmia perguntou se ela havia encontrado a preta Eugênia, que tanto a ajudara na doença.

— Não.

Perguntei se sabia onde estava morando Noêmia, rua e número.

— Não.

Nesse ponto o copo deu duas ou três voltas violentas e estacionou.

Sessão de 24 de fevereiro de 1945

Já há meses que não fazemos nenhuma tentativa de comunicação por meio do copo, tantas e tantas foram as falhas, depois que deu um reumatismo no braço de Purezinha. Tivemos de admitir qualquer relação entre esse reumatismo e a sua fraca mediunidade. Mas o reumatismo afinal sarou, sem tratamento nenhum, e hoje tentamos uma sessãozinha. Tivemos sorte. Kismet Louvain apresentou-se logo de início:

— K...

— Viva o velho amigo Louvain! — exclamei. — Mas por que passou tanto tempo sem aparecer?

— *Votre faute.* (Vossa falta.)

— Por que nossa?

— *Je revenais tous les jours mais non les amis.* (Eu vinha todos os dias mas não os amigos.)

Ele tinha razão. Passamos meses sem tentar. Nesse intervalo algumas pessoas, minhas amigas, leram as minhas notas das sessões, e Purezinha aborreceu-se quando soube disso, mormente quando uma dessas pessoas sugeriu que aquelas notas davam um belo livro. Danou-se com isso e insistiu muito no assunto. E parece que havia alguma resistência por parte de Purezinha, mesmo sem tirar a mão do copo, porque este escreveu:

— *Madame est contraire.* (A senhora é contrária.)

— Não é contrária - disse eu. — Talvez, estivesse impedida.

— *Oui.* (Sim.)

— Por quê?

— *Elle est malade.* (Ela está doente.)

— De quê?

— *Artritisme.* (Artrite.)

Bom. O amigo K confirmava as falhas de Purezinha atribuindo-as ao reumatismo, como supúnhamos. Há sempre umas resistências mentais em

Purezinha. E parece que naquele momento uma delas se denunciou, pois o copo escreveu:

— O desejo de *madame* de não deixar o copo andar é prejudicial.

Comentamos aquilo. E eu perguntei ao K se de fato ele sentia em Purezinha uma franca hostilidade. Resposta:

— No fundo, sim.

— Por quê, amigo K? Como se explica isso?

E a resposta nos surpreendeu:

— Para o seu marido não dar publicação (das notas) aos estranhos.

Tudo ficou esclarecido. Todas as resistências de Purezinha vêm do medo que eu publique as nossas sessões... K ainda disse:

— Ela ainda se prende muito a coisas materiais.

Depois dessa resposta o copo parou e sentimos que o bom amigo K se havia afastado. Mas, sem muita demora, veio outro, ao qual perguntei se podia ir lá ao atelier do J. U. Campos e ver que quadro ele estava pintando. Houve uma pequena pausa e em seguida o copo escreveu:

— *Rabhit*. (Lebre.)

De fato, o quadro do Campos ainda no cavalete tinha como motivo central uma lebre. Insisti para que o espírito me desse o seu nome. A resposta foi:

— *Knowles*.

Houve depois uma atrapalhão qualquer e a sessão ficou nisso.

Sessão de 27 de fevereiro de 1945

No dia 25 próximo passado, tivemos uma sessão em que apareceu um Salvador, que denunciou a presença d'um espírito mau na roda. Houve confusões na anotação e desistimos. Mas a sessão de hoje esteve melhor.

Antes de a abriremos, Purezinha referiu-se à visita que vamos fazer depois de amanhã à médium d. Alzira, a convite de d. Yainha Pereira Gomes; dizem que com essa médium há aparecimento de pedras preciosas. Purezinha caçou; disse que, se ouvisse cair alguma, perguntaria: - Quem é que está atirando isto? - pois que devia ser gente e não espírito. Logo depois começamos e, sem grande demora, o copo escreveu:

— Irás e acreditarás.

Ficamos surpresos, porque era resposta que se relacionava com a conversa de minutos antes. Quer dizer que o espírito estava ali ouvindo. Mas quem era ele? Insisti para que desse o seu nome, e o copo escreveu:

— Oliver.

— Que Oliver, amigo? Há muitos. Há até *sir* Oliver Lodge. Será por acaso ele, quem está falando?

O copo deu o segundo nome:

— Desmond. Oliver Desmond.

Perguntei onde havia nascido.

— *Singapore*.

— Bem, nesse caso deve ser filho de algum negociante ou soldado britânico. Diga, irmão, qual a profissão de seu pai?

— *Bartender*. (Negociante.)

— Com que idade passou?

— *Eighteen*. (Dezoito anos.)

Houve uma parada grande, que aproveitamos para comentar o caso. Depois o copo moveu-se, novamente, e escreveu:

— Irmã, procurai a chave da credulidade para que a paz se aninhe em seu seio.

Ficamos intrigados. Quem seria que estava falando? O K...?

— Desmond — respondeu o copo.

Depois de falar em inglês, o mesmo espírito passara a falar em português. Perguntei-lhe se estava vendo algum espírito ali presente e a observar a sessão. O copo escreveu:

— *A pale boy near the older sister.* (Um rapaz pálido junto da irmã mais idosa.)

— Quem é? - indaguei ansioso. — Pergunte-lhe o nome, Desmond. Queremos saber quem é esse rapaz pálido.

— *She knows already* (Ela já sabe) — foi a resposta.

Referia-se à Purezinha. Insisti para que Desmond me desse o nome do rapaz e, depois de uma pausa, evidentemente, para a consulta, o copo escreveu:

— Edgard.

Sim, quando ele falou em rapaz pálido, Purezinha pensou no Edgard. Pedi então a Desmond que indagasse do Edgard se podia falar diretamente conosco e a resposta foi:

— *No.* (Não.)

— Por quê? Que há que o impede? Alguma proibição? Alguma deficiência de força?

Minhas perguntas ficaram sem resposta - e nada mais houve nessa noite.

Sessão de 17 de março de 1945+

O pintor Castelani apareceu em casa do Jurandir à noite e resolvemos tentar o copo. Purezinha veio com a má vontade de costume, reclamando; mas veio e começamos. O Walter Natividade entrou e sentou-se arredado. Todos os outros rodeavam a mesinha e formavam corrente; eu tomava as notas e fazia as perguntas.

Sem demora o copo moveu-se e escreveu:

— Um de vós está prejudicando.

— Quem, irmão? Qual de nós está prejudicando?

— O de fora.

Julguei que fosse o Castelani, que é de fora, mas alguém advertiu que podia ser o Walter, que estava 'fora da roda', e eu perguntei se era realmente o Walter.

— Sim — foi a resposta.

— E quem está falando?

— Kismet.

Fiz um barulhão, e contei como estávamos com saudades do velho amigo K, com o qual não falávamos há meses; e ele:

— *Bons amis... Je reviens pour jouer avec mes frères.* (Bons amigos, eu venho para entreter-me com meus irmãos.)

Contei-lhe a história da profecia do Velhinho' - o persa, a respeito da guerra, isto é, que a guerra terminaria a 19 de março, mais ou menos, deste ano, na opinião dos “espíritos diretores da evolução humana”. Ora, faltam apenas dois dias para o 19 de março. Pode o amigo K nos dizer algo a respeito, isto é, quando acaba a guerra?

— *Je ne sais pas.* (Eu não sei.)

— Mudei de assunto. Perguntei se estava vendo alí na sala algum espírito.

— *Oui.* (Sim.)

— *Pergunte-lhe como se chama.*

O copo imobilizou-se, como sempre faz quando o espírito o deixa para falar com outro ou ir ver qualquer coisa. Depois de alguns segundos voltou a mover-se e escreveu:

— Cornelius Copérnico.

— Será possível? Será o astrônomo? — perguntei, enquanto o Jurandir via no dicionário o nome de batismo de Copérnico. Peça-lhe que nos diga qualquer coisa.

O copo demorou a mover-se e por fim escreveu:

— *II.. (Ele...)*

Nesse momento o Walter, que nós tínhamos afastado dali, porque sua presença perturbava a sessão, voltou lá da sala de jantar, onde estivera a comer qualquer coisa. Imediatamente Kismet percebeu a sua entrada e, em vez de continuar a frase já começada, escreveu:

— Ele já voltou.

Espantamos novamente o Walter e eu perguntei o que é que havia nele. O copo escreveu:

— Espíritos daninhos o envolvem em ondas maléficas.

— E que deve fazer, Kismet, para livrar-se disso? — perguntei, e a resposta foi ótima, porque se referia ao que ele já havia receitado ao Walter o ano passado:

— O que já foi dito.

Depois de muito comentarmos o caso, eu disse ao Kismet que o tal Cornelius Copérnico não era o grande astrônomo, o qual se chamava Nicolau.

— Sim. Enganei-me - foi a resposta.

Perguntei se não estava vendo ali mais alguém.

— Sim. Um pequenito pálido.

Ficamos intrigadíssimos. Quem seria?

— De que idade? - perguntei.

— Dois anos ou pouco mais.

— Veja se descobre como se chama.

— Paulo Natividade.

Levamos um susto. Paulo era o nome d'um irmãozinho de Purezinha, falecido com dois anos e pouco, logo depois que me casei, isto é, há trinta e seis anos. Não nos lembrávamos mais dele. Fiquei curiosíssimo de saber se desenvolvera no espaço, se crescera; ou se conservava o mesmo do tempo da morte.

— Esse menino fala, Kismet? Conversa? Diz coisas?

— Diz somente “Neneca”.

Neneca era o apelido de Purezinha ao tempo em que casei e uma das poucas palavras que o Paulo dizia.

— Não diz mais nada?

— *Non.*

— E onde está ele aqui na sala?

— No regaço de sua irmã.

— Qual a cor de seu cabelo?

— Castanho claro.

— E como está vestido?

— De camisolinha.

— De que cor?

— Branca.

Comentamos longamente o aparecimento daquele menino esquecido. Depois indiquei o Castelani (pintor e escultor) e perguntei que tal era ele. O copo começou a escrever: “Boa...” e o Jurandir, para fazer graça, enfiou: “Bisca, boa bisca”. O copo concluiu a frase: “pessoa” - e fez uma 'chamadinha¹ ao Jurandir:

— Convencido o rapaz de azul marinho...

De fato, ele estava de roupa azul marinho; demos-lhe uma vaia. Depois perguntei a que arte devia o Castelani dedicar-se, pintura ou escultura, visto que tinha vocação para ambas.

— Como posso saber a força dele? - foi a sensatíssima resposta.

Nesse momento o Walter entrou de novo na sala. Imediatamente o copo marcou a letra K e imobilizou-se. Foi como se assinasse a comunicação. Parece que com o Walter presente o amigo Kismet não funciona mais.

A sessãozinha foi ótima, e deixou o Castelani tonto. Era a primeira vez que ele assistia àquilo, e teve ocasião de observar que Purezinha e Marta mantiveram-se todo o tempo de olhos fechados.

Aqui terminaram as notas das sessões de copo, realizadas com o grupo de Monteiro Lobato, em sua casa e na de Jurandir, seu genro, no bairro da Aclimação, em São Paulo.

Seguindo para Buenos Aires, no começo do ano de 1946, lá, também, realizou algumas sessões de copo. Em uma delas houve o seguinte:

Em Buenos Aires, na *calle* Sarmiento, onde residia naquele seu exílio involuntário, 1946/1947, Lobato, ao receber a visita de sua filha Marta e seu marido Jurandir Campos, aproveitou para fazer umas ‘sessõezinhas de copo’ das quais já estava com saudades.

Houve, entre outras manifestações, esta, a seguir, anotada por Lobato:

Sessão de 23 de março de 1947

Purezinha, Marta e Jurandir, no copo. No lápis, Lobato.

O copo iniciou sua rotação dentro do círculo do alfabeto, mas nada dizia:

— Quem quer falar? - perguntei.

— Ronnet.

— Quem é o irmão? Que fazia em sua vida terrena?

Em vez de responder a isto, disse-me:

— *I believe you are playng for passtime. Aren't you? I have too much to do.* (Creio que você está se divertindo por passatempo. Não é? Eu tenho muito que fazer.)

Continuei fazendo-lhe perguntas e ele nada mais respondeu. Insisti perguntando se o irmão Ronnet já não estava mais presente, e o copo:

— *Ronnet, yes.* (Ronnet, sim.)

— Então, por que não responde às minhas perguntas?

E outro irmão respondeu por ele:

— *Ronnet — he is not here.* (Ronnet - ele não está aqui.)

A seguir, outro irmão fez essa denúncia, apesar de Purezinha garantir-me o contrário:

— *La hermana Pureza está muy contrariada por se quedar acá.* (A

irmã Pureza está muito contrariada de estar aqui.)

— Quem está falando? — perguntei.

— Castillo.

— Argentino?

— *Si*.

E nada mais houve.

Dias após, outra comunicação (sempre fracas e falhas], que deu isto:

— Benedita.

— Onde nasceu?

— Guaratinguetá.

— Que idade tinha quando passou?

— *Cincoenta y ocho*. (Cinquenta e oito.)

— A irmã era de fala espanhola?

— *Si*.

E parou.

Mas um caso extraordinário passado no Hotel Plaza, em Buenos Aires, merece registro especial.

Sessão em 1946 - Buenos Aires

Hotel Plaza: presente: -Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti e Antonio Sanchez Larragoiti Jr., seu marido. No copo: Ritinha Seabra (filha do dr. Alberto Seabra), e... Monteiro Lobato, no lápis.

Quando de sua visita àquele país, Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti (Rosalina Coelho Lisboa, poetisa e talentosa romancista, foi premiada pela Academia Brasileira de Letras e condecorada em diversos países sul-americanos) e seu marido, Antonio Sanchez Larragoiti Jr. (grande industrial no Rio de Janeiro), foram visitados por Monteiro Lobato, que lá no Hotel Plaza os encontrou em companhia de sua amiga comum, Ritinha Seabra, filha do médico homeopata, dr. Alberto Seabra.

Às tantas, o assunto versou sobre as 'sessões de copo', que Lobato realizava com grande interesse e entusiasmo, naquela época.

Foram para a mesinha, no círculo de letras do alfabeto, e, depois da concentração, deu, entre outras mensagens, sem interesse, isto, que impressionou ao grupo profundamente:

- Rosalina vai ao Rio salvar um soldado.
- Quem está falando? - perguntou Lobato.
- Luís, corneteiro de batalhão.
- Vai salvar como? - Quem é o soldado? - Salvar de quê?

Mas o copo imobilizou-se e não deu mais nada. Impressionados fizeram uma ata, registrando esse fato, e, cada componente do grupo ficou com uma via, assinada pelos quatro.

Voltando ao Rio de Janeiro, Rosalina (poetisa e escritora conhecida], descendo no aeroporto, foi fotografada pela imprensa social, com o comentário de que estava regressando de sua *tournêe* pela América do Sul. E estamparam o seu retrato, em ponto grande.

Dias após sua chegada, o telefone bate em sua residência e era o comandante da ilha das Cobras, pedindo-lhe mil desculpas de incomodá-la, mas um preso que lá se achava recolhido e respondendo a processo

criminal, insistia, intempestivamente, para falar com ela sobre o seu caso, afirmando que iria salvá-lo. Não a conhecia, mas tinha a certeza disso. Vira sua foto num jornal de seu companheiro de cela e daí lhe viera a convicção inabalável de que deveria recorrer àquela senhora pedindo-lhe o seu auxílio, pois seria atendido. Queria uma entrevista com ela. Rosalina perguntou ao comandante qual fora o crime cometido pelo soldado e foi informada de assassinato. Dizia ter matado, em defesa própria, um seu desafeto, mas ninguém vira e todos o acusavam de crime premeditado. Iria pegar, pelo menos, trinta anos de cadeia, dadas as circunstâncias. Não havia testemunhas. Estava desesperado.

Rosalina disse ao comandante que no dia seguinte daria a sua resposta.

Telefonou a um grande criminalista do Rio de Janeiro - cujo nome a apresentadora ignora - e combinou com esse causídico ir a sua residência, dois dias depois, e assistir ao depoimento do soldado.

Comunicou após o comandante que já havia providenciado a defesa do réu e que o mandasse, na data aprazada, à sua residência.

Lá compareceu ele, entre dois guardas (cautela inútil, pois que o réu não tinha a menor intenção de fugir, tal era a sua confiança cega em Rosalina].

Depois de prestar o seu depoimento ao advogado, contando como matara o seu desafeto, e depois de tudo combinado para a sua defesa, Rosalina perguntou ao soldado:

— Qual o motivo de, entre tantas criaturas no Rio de Janeiro, escolher, justamente, a mim para ajudá-lo?

— Assim que vi seu retrato no jornal fiquei certo de que seria salvo pela senhora.

— Que o fez pensar assim? - indagou ela.

— Não sei. ‘Uma coisa’ me deu essa certeza.

Rosalina, que se lembrava da sessão em Buenos Aires que causara ‘suspense’ aos componentes do grupo, foi à sua secretária e de lá retirou a ata feita por Lobato, no Hotel Plaza, assinada pelos quatro e perguntou ao preso:

— Diga-me, você tem algum amigo chamado Luís?

— Não, mas tive um grande amigo, que daria a vida por mim, e eu por ele, mas, infelizmente, hoje está morto. Chamava-se Luís. Morreu na guerra

na Itália.

— Que fazia ele?

— Era corneteiro do nosso batalhão.

Rosalina, então, deu-lhe a ler a ata, onde estava registrada a mensagem de “Luís, corneteiro de batalhão”.

Ao ler isto o soldado caiu de joelhos, chorando e exclamando:

— Meu pobre amigo, salvou-me duas vezes: da cadeia e da descrença, pois eu já me tornara descrente até de Deus, permitindo que me sucedesse tal injustiça, quando eu apenas defendera-me para não ser morto.

Rosalina tomou o caso a si, ajudou o soldado e ele foi absolvido.

Esses fatos foram-me relatados por Monteiro Lobato. Quando se realizou a sessão em Buenos Aires, contou-me por carta, e o seu feliz desfecho quando Rosalina lhe escreveu, comunicando-lho.

Neste momento, 19-7-1971, Rosalina está gravemente enferma, de cama, não podendo testemunhar esses fatos. Escrevi-lhe pedindo seu testemunho e mandou-me dizer que, *quando sarar*, ou *melhorar*, escreverá dando-me sua resposta. Era grande amiga de Lobato e gostaria de prestar-lhe, também, sua homenagem. Creio, no entanto, devido à gravidade do seu mal, que isso iria demorar muito.

Solicitei a um amigo do Rio de Janeiro que telefonasse ao seu marido, sr. Larragoiti, pedindo-lhe a fotocópia da ata - datada de 1946.

Ritinha Seabra devia ter sua ata, também, mas não sei onde reside: São Paulo ou Rio. Informaram-me que faleceu há dois anos. Não sei.

Rosalina não pôde nem atender ao telefone, quando lhe fiz dois interurbanos para o Rio de Janeiro, razão pela qual desisto de esperar.

Esses fatos aí estão para quem quiser apreciá-los. Dependeria da boa vontade do sr. Larragoiti Jr., mandando-me a sua ata - em fotocópia - com a assinatura do Lobato, entre as demais. Seria muito identificatório.

Se todo esse esforço ajudar a aliviar a ansiedade da humanidade sofredora, eu me sentirei bem paga. Lobato gostaria, ele próprio, de ter publicado este livro, - o que teria maior brilho —, mas d. Purezinha, com o seu grande respeito humano, não o consentiu, e, vendo que ela sofreria com essa publicação, Lobato não o fez.

Disse-me: “a única coisa que considero, realmente, imoral no mundo é fazer alguém sofrer”. E o livro não foi publicado.

Todo mundo conheceu Monteiro Lobato sob vários aspectos: o amigo

leal e incomparável, o contista primoroso, o ardoroso e cáustico polemista, o patriota ferrenho e implacável; mas, sob o prisma espiritualista, poucos, muito poucos o conhecem e até alguns duvidam dessa sua conversão ao espiritismo.

O presente livrinho, porém, vem trazer a prova inegável de que ele, como qualquer mortal, chegando a hora, também foi suscetível e atendeu ao 'chamado'.

E morreu feliz, sabendo que somos eternos.

Doente, despediu-se de Marjori, a possuidora destas notas, na véspera de sua morte.

Disse-lhe: “Minha filha, amanhã, ou depois, se vir no jornal que eu morri, você não vai chorar. Sabe bem que não morremos, e esta foi, apenas, uma de minhas passagens sobre a terra. Somos imortais” .

Essa despedida aconteceu, por coincidência, no mesmo local onde há anos teve lugar o primeiro encontro entre a menina de outrora e o desiludido materialista, quando ambos lamentavam a perda do amigo comum: o poeta Júlio César da Silva.

Nota: Para o leitor avaliar o vigoroso poeta que foi Júlio César da Silva, abaixo transcrevemos um de seus belos sonetos.

MORTO

Morto, enfim, sob a terra e cercado de arcanos,
Grande e feliz na paz do meu pobre reduto,
Indiferente e surdo à mofa que os profanos
Me rendam, junto à cova, à laia de tributo,

Com que gozo verei do meu caixão de luto,
Os costumes de agora, esses nadas humanos,
Que apenas têm no Tempo o espaço de um minuto,
Coarem-se na ampulheta infindável dos anos!

E se alguém se lembrar de, interrompendo a fome
Das traças, ler, um dia, a página esquecida
Onde chora o meu verso e se esconde o meu nome,

A minha ossada branca em seu fosso profundo

Palpitará talvez com essa pouca de vida
Que deixei por acaso espalhada no mundo.

MARIA JOSÉ SETTE RIBAS
São Paulo, 27 de outubro de 1971.

APÊNDICE

VIDÊNCIA EM SONHO

Contou-me Lobato um caso interessante que lhe foi relatado por um seu amigo, do Norte, residente na América, há quarenta anos, mais ou menos, Arthur Coelho, brasileiro da Paraíba, filho de senhor de engenho, nascido num lugarejo chamado Vila do Sapé. Itabaiana é a cidade vizinha, onde morou e de lá seguiu para os seringais amazônicos. Depois foi dar com os costados nos *States*, onde se encontra até hoje. Bom poeta, prosador, mas muito cético e materialista. Tão ferrenho quanto o fora Lobato, antes das revelações, nas presentes mensagens do copo.

Mas Lobato repetia com Allan Kardec: “as opiniões são como os pregos, quanto mais se batem mais enterram”. Nunca procurou convencer o amigo.

Pois bem; esse homem assim irreduzível na sua descrença contou, certa vez, ao Lobato o seguinte acontecimento, passado em sua cidadezinha natal, fato que ganhou grande repercussão na época, quando menino.

Aqui transcrevo com as palavras de Arthur Coelho o fato, pois ele reproduziu-mo, agora, em carta de 13-7-71 vinda de Nova Jersey, onde reside:

“Havia um sujeito solteiro, dono de uma venda numa rua pobre. Ele tinha por hábito, ou carência, tomar uma soneca à tarde, depois do almoço. Nessa ocasião, fecha a porta da venda, aquela hora da tarde, e vai dormir. No fundo da sua casa havia uma cajazeira carregada de frutos, e ele, *sonhando*, sobe à árvore para colher uns cajás.

— “Já estava num galho bem alto, quando viu, *sempre sonhando*, um vizinho seu que marchava para a árvore, trazendo na mão um molho de cordas. Aí o homem pensou logo numa tragédia. De feito, o vizinho, sem o notar, começou a procurar um galho por onde passou a corda e fez um laço. Depois, ia metendo o pescoço no laço, quando parece que se arrependeu, e ia livrar-se do nó, para salvar-se, mas aí apareceu um diabo preto e chifrudo que lhe saltou sobre os ombros, fazendo peso e obrigando-o ao enforcamento, ao passo que se ria, o diabo, da agonia da sua vítima. Nisto, o homem, que dormia, foi despertado com as

pancadas que outros vizinhos davam à sua porta. E, ao abri-la, gritaram para o vendeiro:

— “Acuda, homem, que há aí um homem enforcado na sua cajazeira!!

“Na verdade, correndo ao fundo do quintal, lá estava pendurado o vizinho José Joaquim, com um palmo de língua de fora. Todo mundo ficou apavorado da desgraça...”

Diz-me Coelho, agora, em sua carta: “ouvi isto dado como fato real, quando menino, na Paraíba e naquele tempo a coisa me fez tremer. Principalmente pelo contrapeso do diabo”.

Quando Lobato contou-me esse caso, já acreditava nas forças sobrenaturais...



Esta edição foi impressa pela Book RJ Gráfica e Editora, São Paulo, SP, sendo tiradas três mil cópias em formato fechado 14x21 cm, em papel Offset PrintMax [Votorantim] 75g/m² para o miolo e papel Cartão TP HI-Bulky (Cia. Suzano), 250g/m² para a capa. O texto principal foi composto em Revival565 BT 10,5/13,1 e os títulos em Revival565 BT 18/22,5. A capa foi elaborada por Andrei Polessi.

Novembro de 2004
ANO DO BICENTENÁRIO DE
NASCIMENTO DE ALLAN KARDEC